

SAMORA MACHEL

***DESALOJEMOS
O INIMIGO INTERNO
DO NOSSO
APARELHO
DE ESTADO***

19

colecção
"PALAVRAS de ORDEM"
EDIÇÃO DO PARTIDO FRELIMO

SAMORA MACHÊL

**DESALOJEMOS
O INIMIGO INTERNO
DO NOSSO
APARELHO
DE ESTADO**

19

colecção

"PALAVRAS de ORDEM"

EDIÇÃO DO PARTIDO FRELIMO

SUMÁRIO

Prefácio	5
I — Introdução — Zimbabwe	9
II — Situação Colonial — Lourenço Marques	13
III — As conquistas da Independência	27
IV — A Ofensiva — O que encontramos	33
V — O inimigo interno	65
VI — Análise da situação	73
VII — Como vamos destruir o inimigo	85
VIII — Medidas a tomar	91
IX — Conclusão	115

PREFÁCIO

Desalojar o inimigo interno do nosso Aparelho de Estado — foi a palavra de ordem lançada pelo Presidente do Partido FRELIMO e Presidente da República Popular de Moçambique, Camarada Samora Moisés Machel, no histórico comício realizado no dia 18 de Março de 1980 na Praça da Independência em Maputo.

O comício — um dos maiores que já tiveram lugar na capital do País — marcou um ponto culminante da Ofensiva Política e Organizacional desencadeada pela Direcção do Partido e conduzida pessoalmente desde o início do ano pelo Camarada Presidente.

Neste grandioso encontro popular, que era aguardado com enorme expectativa pela população de todo o País, o Camarada Presidente fez uma análise profunda e incisiva das situações detectadas no decorrer da Ofensiva e anunciou medidas radicais, decididas pela Direcção do Partido, para cortar o passo à contra-revolução e neutralizar o inimigo.

O Aparelho de Estado, como instrumento fundamental da política do Partido, é o primeiro

alvo dessas medidas. Num processo que deverá ser amplamente popular, todos os Ministérios deverão assegurar que, no espaço de três meses, são uma estrutura sã, dinâmica e operativa. Medidas de fundo foram também anunciadas para enfrentar a grave situação dos Abastecimentos, da Habitação, dos Portos e Transportes e do sector produtivo em geral.

O Departamento do Trabalho Ideológico do Partido FRELIMO edita agora, em brochura, o importantíssimo discurso pronunciado, na ocasião, pelo Camarada Presidente — o qual deve, desde já, ser estudado por todos os membros do Partido e pela população em geral, transformando-se assim numa arma poderosa para a vitória no combate contra o subdesenvolvimento.

CAPÍTULO I

INTRODUÇÃO

— **Zimbabwe**

Viva o Povo Moçambicano unido do Rovuma
ao Maputo!

Viva a República Popular de Moçambique!

Viva a FRELIMO nosso Partido de Vanguarda!

Viva a Assembleia Popular!

Viva a Justa Luta dos Povos Oprimidos!

Viva a Vitória do Povo do Zimbabwe!

Hoje o Povo do Zimbabwe tem o seu Governo
eleito livre e democraticamente.

- * Governo que é uma conquista da Luta Armada de Libertação Nacional.
- * Governo conquistado com os imensos sacrifícios consentidos pelo Povo do Zimbabwe.
- * Governo eleito pela esmagadora maioria dos zimbabweanos.
- * Pela primeira vez o Povo fez falhar os computadores internacionais. O imperialismo esperava implantar na África Austral, em particular no Zimbabwe, os seus agentes. O Povo disse não.
- * Governo com maioria absoluta da ZANU, dirigido pelo Presidente Mugabe.
- * Governo que honra as forças patrióticas e combatentes do Zimbabwe.
- * No Zimbabwe, a vontade do Povo triunfou.
- * Triunfou no Zimbabwe a solidariedade dos Países da Linha da Frente, da OUA, da África, das forças progressistas de todo o mundo.

Quando nos reunimos no dia 23 de Dezembro para anunciar a assinatura do Acordo de Cessar-Fogo, celebrávamos já a vitória do Povo do Zimbabwe.

Por isso dizemos que:

- * Não há força nenhuma que possa impedir um povo de ser livre e independente.
- * Não há nenhuma força que possa travar a determinação de um povo de decidir do seu próprio destino.

Dissemos sempre que a nossa solidariedade para com a luta do Povo do Zimbabwe era indissociável da nossa luta.

- * Vivemos como nossa, dia a dia, a luta do Povo do Zimbabwe.
- * Juntámos o nosso sangue ao sangue do Povo do Zimbabwe.
- * As nossas armas estavam viradas e concentradas na defesa da integridade e soberania da nossa Pátria agredida.
- * O nosso sacrifício não foi em vão.
- * O dever de solidariedade para com a luta do Povo do Zimbabwe reflectiu-se na firmeza e decisão dos nossos combatentes veteranos e novos que marcharam para o Zimbabwe, para apoiar o Povo do Zimbabwe, para deter o crime dentro do Zimbabwe.

Povo heróico o nosso que, após 10 anos de luta armada de libertação nacional, aceita mais 4 anos de sacrifícios.

Anos difíceis, mas que escrevem mais uma etapa gloriosa na história da nossa libertação, na história da libertação dos povos.

Muito obrigado, Povo Moçambicano do Rovuma ao Maputo.

CAPITULO II

SITUAÇÃO COLONIAL

— **Lourenço Marques**

Hoje teremos uma conversa que não será agradável. Quando temos matacanha nos pés é preciso agarrar e extraí-la. Mas provoca dor e provoca sangue também.

Em breve vamos celebrar o 5.º aniversário da nossa Independência.

- * Muitos de nós perderam já a imagem real do nosso País colonizado.
- * Muitos de nós esqueceram já o que era a opressão colonial.
- * Muitos de nós esqueceram já o que foi Lourenço Marques.
- * Lourenço Marques, a capital do colonialismo no nosso País.
- * Lourenço Marques, a central difusora da opressão colonial,
 - da humilhação sem limites
 - da discriminação degradante
- * Lourenço Marques, laboratório e reduto de todos os males do colonialismo.
- * Lourenço Marques, centro de organização de conflitos entre grupos étnicos e raciais
 - **entre os pretos:** conflitos entre xanganas e rongas;
 - conflitos entre xanganas e rongas, que desprezavam os vatswa;
 - conflitos entre os xanganas, rongas, vatswa e bitonga, que desprezavam o chope;

- mas Juntavam-se todos os do Sul para desprezar os do Norte; os do Norte, em Lourenço Marques, eram considerados e tratados como estrangeiros;
 - ainda entre os pretos, o punhado de assimilados que desprezavam os indígenas.
- * Era esta a vossa Lourenço Marques. Foi isso que nós encontramos aqui.
 - * Lourenço Marques — cidade dos conflitos raciais
 - os subúrbios — para os pretos e mulatos; quando muito, o Alto Maé como fronteira entre o cimento e o caniço onde residiam alguns mulatos.
 - Havia:
 - * bairro dos indianos
 - * bairro dos indianos de origem goesa (canecos)
 - * bairro dos paquistaneses
 - * bairro dos portugueses pobres
 - * bairro dos portugueses médios
 - * bairro dos portugueses ricos
 - * Lourenço Marques, centro de despersonalização e alienação
 - zonas de prostitutas pretas
 - zonas de prostitutas brancas
 - * Lourenço Marques, centro de divisão no trabalho
 - gente dos baldes
 - gente para os quintais:
 - * moleques, cozinheiros, mainatos
 - * serventes dos restaurantes, cafés e hotéis
 - * serventes de mercearia
 - * serventes de repartições do Estado

* Quem não se lembra das «Feiras para venda de Moleques»?

— Havia todo um sistema montado:

— Angariadores iam aos Centros Comerciais da

Manhiça

Moamba

Matutuine

Magude

Bilene

Macia

Caniçado

Manjacaze

Iam a Gaza, a Inhambane

— aliciavam jovens com promessas de trabalho na grande cidade, promessas de futuro;

— Traziam-nos como gado, nos camiões, ao sol e à chuva;

— Chegados a Lourenço Marques, eram postos em armazéns, ao frio e ao calor.

* Para comer, davam-lhes farinha e amendoim pilado e fervido com sal.

Ali ficavam meses armazenados como objectos de feira, à espera de serem comprados.

— Era ali que os patrões, os colonos ricos, as senhoras de cão na trela, as senhoras da alta burguesia e mesmo algumas pobres, iam comprar. Comprar o quê? Galinha, frango, cabrito ou o quê? Iam comprar os seus moleques.

* Compravam-nos por 300 a 500 escudos aos angariadores e davam-lhes ordenado de 75\$00 por mês. Quer dizer, aos angariadores davam 300 a 500 escudos para o moleque estar no quintal a receber por mês 75 escudos.

— Com os seus 75\$00 por mês, o moleque

tinha de pagar as despesas dos angariadores:

- * pagar o seu transporte e o seu «armazenamento»
- Com os seus 75\$00 por mês, o moleque tinha de pagar imposto e as despesas de um homem normal que quer casar, organizar o seu futuro.
- Ai do moleque que não estava habituado a lidar com pratos, copos, vidros!...
- * Se partia uma peça de um jogo de loiça, podia ficar um ano a descontar todo o salário, para pagar o valor de todo o jogo.
- * Mas o jogo de pratos que ficou incompleto fica para o patrão. Não é entregue ao moleque, que o pagou. O patrão fica com dois jogos: um completo e o outro, incompleto.
- E como é que eram tratados em casa do patrão?
 - * A comida para o cão era melhor do que a comida para o moleque;
 - * não tinham tratamento médico;
 - * enquanto o cão andava no carro do patrão, o moleque ia a pé, ao sol.
- Moleques não eram os de Lourenço Marques. Vinham de Gaza, Inhambane e de outras Províncias. Quando o patrão era transferido, como acontecia no caso de ser funcionário, levava a sua mercadoria, que era o moleque, porque já o conhecia bem. Os de Lourenço Marques, esses, eram
 - * gente para o Molwene, «a escumalha».
 - * gente para aprendizes de mecânico, electricista, bate-chapas, canalizador, estofador, polidor quando muito. Era o trabalho do laurentino

- * gente que vivia de pequenos negócios das mãos — vendedoras de banana, tomate, couve, pequenas quantidades de carvão
- * gente que vivia de negócio do mahanti, mundlhe, mabadjiya
- * gente que servia para pedreiro e carpinteiro
- * Esta era Lourenço Marques, capital da divisão social para enfraquecer a nossa força.
- * Lourenço Marques, cidade fragmentada em religiões
 - católica
 - protestante
 - * presbiterianos
 - * nazarenos
 - * metodistas episcopais
 - * wegelianos
 - * anglicanos
 - * muçulmanos

Quando tomámos o poder, Lourenço Marques era a capital

- * da criminalidade
- * da marginalidade
- * do banditismo — os mabandidos — dos roubos, das violações
- * cidade de mendicidade
- * da prostituição oficializada
- * cidade da intranquilidade, dos assassinatos, (Assassinatos que atingiam o auge nos festejos do fim do ano).

Lourenço Marques, cidade de cimento. Erguida para demarcar bem a diferença entre nós e os colonos.

- * Quem não se lembra do passe que nos era pedido depois das 9 horas da noite? Vocês passeavam aqui depois das 9 horas?

Lourenço Marques, cidade do caniço e da lata, relegada aos pântanos, armazém de mão-de-obra e sofrimento para construir o luxo do colono.

- * Quem não se lembra do seu bairro no subúrbio patrulado pelos cavalos da polícia montada, e pelos cães da polícia de choque?
- * Quem não se lembra do seu bairro no subúrbio? Os Ministros, não se lembram? E os Directores Nacionais que querem cavalgar o Povo, que quando ocupam a APIE parecem javalis, não se lembram do seu subúrbio?

Essa era Lourenço Marques.

- * de um lado, o cimento, a opulência, o brilho das ruas asseadas.
- * do outro lado, a insegurança, a injustiça social, a discriminação, a pobreza e a escuridão da miséria.

Essa era a Lourenço Marques construída para colonos com o sangue e o suor dos trabalhadores moçambicanos.

Quando a FRELIMO tomou o Poder, encontramos as nossas cidades minadas de:

- PIDEs
- OPVs
- ANPs
- Comandos
- Flechas
- GEs
- GEPs
- Movimento Nacional Feminino
- Madrinhas de guerra

Não estão aí no meio de vocês? Mas vocês dizem: «Ah, este Governo de Moçambique...» Nós estamos puros, vocês é que estão impuros. Nós conhecemo-nos. Vocês é que não se conhecem. Nós não coexistimos com os PIDEs. Vocês sim, coexistem com eles. E têm vergonha de os expulsar!

Por que «fazem falta»? Fazem falta? A quem? Quem são eles?

Encontrámos ainda os agentes físicos das organizações fantoches criadas pelo colonialismo e pelo imperialismo:

- os MOCONEMO, partido que nasceu depois do 25 de Abril, criado pela PIDE. Esses estão com vocês aí. Estão também nas fábricas Alguns até ocupam posições altas.
- os FICO
- os FRECOMO
- os GUMO
- os FUMO
- os Convergência Democrática
- os MONIPAMO
- os POPOMO
- os MIMO
- os que participaram no 7 de Setembro e no 21 de Outubro.
- os que tomaram a Rádio. Estão com vocês aí

Quando a FRELIMO tomou o Poder, encontramos em Lourenço Marques a imagem de todas as cidades do nosso País:

- Cidade do compadrio
- Cidade das orgias
- Cidade das bacanais
- Cidade da corrupção
- Cidade dos compromissos
- Cidade que via embarcar e desembarcar o soldado colonial português, que trazia e deixava as sementes
 - * do vício
 - * da degradação
 - * da imoralidade
 - * da bebedeira
 - * da doença venérea
 - * do crime

As escolas eram símbolo da discriminação racial.

- * Eram as oficinas onde se moldava a juventude para servir o colonialismo.
- * As poucas crianças moçambicanas que as frequentavam, estavam impedidas de aprender
 - a história do seu Povo
 - a geografia do seu País.
- * Encontrámos escolas — autênticos monumentos ao colonialismo
 - Liceu Salazar
 - Colégio D. António Barroso
 - Liceu António Enes
- * Quem frequentava estas escolas?
- * Quem ensinava nestas escolas?
- * O que era ensinado nestas escolas?

Os Hospitais eram centros de discriminação

- racial
- social
- económica

- * Quem não se lembra do Hospital Miguel Bombarda e das humilhações que lá sofreu?
- * Os consultórios eram minas de dinheiro e fontes de exploração:
 - ali, o médico enriquecia à custa da doença
 - ali, a doença era um instrumento para satisfação das ambições capitalistas dos seus donos.

A morte era também alimento do colonial-capitalismo

- * As agências funerárias procuravam cadáveres como abutres

- * Pagavam-se, por um funeral, dezenas de contos.

Nas Administrações e nas esquadras, o lugar dos moçambicanos era, no máximo,

- lugar de cipaio,
- lugar de instrumento subalterno do colonialismo,
- subalterno que pega no chicote e na palmatória para oprimir o seu próprio irmão.

Os colonos tinham os seus instrumentos:

- as suas leis
- os escritórios dos advogados
- os tribunais

- * Para os indígenas, havia o chibalo,
 - o trabalho forçado
 - a deportação para S. Tomé e Príncipe
 - a lei da griheta que amarrava as nossas pernas e as fazia sangrar.

Tudo isto era Lourenço Marques.

Tudo isto era a realidade em todo o País.

Mas era mais ainda:

- * Toda a indústria, concentrada nas mãos dos colonos.
- * As pequenas e grandes taretas, concentradas nas mãos dos colonos.

O moçambicano era o empregado subalterno

- simples executor
- produtor desprezado
- servente servil e sem dignidade
- motorista sem categoria
- operário anónimo construtor de riqueza

O comércio, os supermercados, as lojas, as cantinas, as barbearias, as boutiques, os cabeleiros, tudo concentrado nas mãos dos colonos.

- * O moçambicano nem sequer tinha lugar no negócio de estacas.
- * O moçambicano não tinha o direito de ter uma banca de ovos no bazar.
- * Tudo era comprado, vendido, negociado pelos colonos.

As garagens, as oficinas, a construção civil, estavam concentradas nas mãos dos colonos.

- O mestre mecânico era o colono
- o oficial serralheiro era o colono
- o mestre de obras era o colono
 - * o colono que chegou como aprendiz ao nosso país e se transformou em mestre;
 - * o colono que chegou como camponês e se transformou em agricultor, em proprietário, em latifundiário;
 - * o colono que chegou anónimo e ignorante e rapidamente se rodeou de riquezas, de ajudantes, de moleques.

O aluguer do prédio,

A venda do caniço,

A venda da chapa de zinco,

A venda da lata de água,

A venda da capulana,

A venda da agulha,

A venda do copo, do prato, da colher, da panela,

A venda do cigarro,

A venda do petróleo, do fósforo,

A venda do sabão, do açúcar, do óleo,

A venda do carvão

— Tudo isto estava nas mãos de quem?

- * Estava nas mãos daqueles que abandonaram o País quando derrubámos o colonialismo

- * Estava nas mãos de um punhado de colonos em todo o País.

— menos de 100 mil colonos na cidade de Lourenço Marques

* Foram-se embora.

Foi isto que nós encontramos.

É este o significado do colonialismo:

- a exploração
- a opressão
- a humilhação
- a discriminação social e económica
- o racismo
- o tribalismo
- o regionalismo

É este o significado do colonialismo:

- o suborno, a corrupção, a imoralidade
- o roubo
- o nepotismo, o amiguismo, o compadrio
- o individualismo, a ambição
- o servilismo, a subserviência
- a prostituição
- a vagabundagem
- o banditismo
- o desemprego, a marginalidade
- a mendicidade
- a orgia
- o bacanal, a bebedeira
- a droga
- a destruição da família
- a desagregação social, a insegurança, o medo — sinónimo de colonialismo.

Destruir tudo isto, foi o objectivo da Luta Armada de Libertação Nacional.

Destruir tudo isto, é o objectivo da luta de classes, da luta contra o inimigo interno, da luta

que continuamos e continuaremos a travar no nosso País.

Alguns perguntam-nos: «Porque é que vocês querem o socialismo?» Dizemos: Não temos capacidade para manter e alimentar tudo o que era o colonialismo, que nós conhecemos. Alguns perguntam-nos: «Socialismo o que é, em Moçambique?» Socialismo em Moçambique significa felicidade para nós.

E para o Mundo, Moçambique agora não existe. Mas existia no tempo colonial. Toda a Imprensa ocidental falava da «bela cidade de Lourenço Marques». Grandes viagens, grande turismo para vir passear a prostituta. Isso era Moçambique. Existia nessa altura em todo o Mundo. E agora Moçambique não existe, morreu na data em que fizemos o enterro do colonialismo. Nós estamos aqui, dizemos a esses amigos isso mesmo: aqui estamos.

Façam o que fizerem e o que quiserem, ninguém mudará a posição geográfica do Povo Moçambicano. Ninguém derrubará a Independência de Moçambique.

Escolhemos o Socialismo e construiremos o Socialismo. Ninguém virá de fora construir por nós.

Não importa que nos ignorem lá no Ocidente. Não existimos por causa deles. Não foram eles que nos produziram. Não foram eles que nos deram a Independência. Falem ou não falem, que importa? Nós falamos, temos as nossas bocas.

Falavam disto. Era belo para eles. A civilização Ocidental estava aqui, estava nisto que caracterizámos como colonialismo. Difusão da cristandade. Era isto. Esta é que era a civilização.

CAPÍTULO III

AS CONQUISTAS DA INDEPENDÊNCIA

Após a independência, prosseguimos o nosso combate libertador.

- * Combate para nos devolver a dignidade, a personalidade e a cultura moçambicana.
- * Combate para construirmos:
 - uma nova sociedade
 - uma nova mentalidade
 - um homem novo.
- * Combate para destruímos a exploração.
- * Combate para edificarmos o socialismo.

Libertámos a terra.

Nacionalizámos a Educação:

- * a escola deixou de ser um privilégio
- * eliminámos as escolas privadas, os explicadores particulares.

Nacionalizámos a Saúde:

- * o hospital abriu-se para todo o Povo
- * eliminámos os consultórios e os médicos privados.

Extinguímos a advocacia privada:

- * a justiça deixou de ser uma mercadoria.

Nacionalizámos as agências funerárias:

- * dignificámos o funeral de qualquer cidadão.

Nacionalizámos os prédios:

- * as cidades passaram a pertencer àqueles que as construíram
- * as cidades de cimento, pela primeira vez na nossa história, ganharam uma face moçambicana.

Penso que antes o imperialismo estava contente. O Ocidente estava contente. Queriam estar lá e o dinheiro a chegar-lhes depois de atravessar montanhas, oceanos e lagos. Quer estivessem na Suíça, em Portugal, na Alemanha Federal, na Inglaterra, nos Estados Unidos, no Brasil, em qualquer sítio, o dinheiro da nossa cidade iria lá ter...

Eu não conheço nenhuma cidade no Mundo que seja estrangeira. Bona é capital da Alemanha Federal. Berlim, da Alemanha Democrática. Moscovo, da União Soviética. Sófia, da Bulgária, Bucareste, da Roménia. Pequim, da China. Brasília, capital dos brasileiros. Nova Iorque e Washington, dos americanos. Mas queriam que nós tivéssemos uma cidade capital portuguesa.

E porque nós tomámos a cidade e a cidade tomou a face moçambicana, disseram que somos radicais, irresponsáveis, intransigentes, irrealistas. Somos irrealistas quando valorizamos as nossas conquistas? Não queremos que sejam eles a valorizar as nossas conquistas. Seremos nós e mais ninguém.

Estas são conquistas revolucionárias do nosso Povo;

- * Foram os primeiros passos para a edificação da nova sociedade, a sociedade socialista. Sociedade socialista que significa o bem-estar de todos:

- * o direito ao trabalho
- * o direito à escola, à saúde, sem discriminação;

- * o direito de cada cidadão ter uma habitação condigna,
- * ter transporte decente,
- * ter manteiga, ovos para os nossos filhos, para todos nós;
- * o direito de andar decentemente vestido,
- * ter possibilidade de comer galinha, coelho, peixe, carne,
- * todos terem sabão para andarem limpos. Terem sabonetes, terem lâminas, máquina de barbear, é isso que queremos.

Mas os nossos amigos do Ocidente dizem que se nós andarmos bem vestidos, se nós fizermos a barba, se nós tivermos uma casa condigna, perderemos as características africanas.

Sabem quais são as características africanas? Usar pele, tanga, capulana atravessada, um pau na mão atrás do rebanho, ser magrinho com costelas para contar uma a uma, feridas nos pés, nas pernas, com uma folha de cajueiro a tapar a ferida que vai gotejando, matacanha nos pés — este é o africano. Para eles, estas são as características dos africanos.

Então, quando vêm turistas procuram este africano que está vestido desta maneira. Porque este é o «real africano».

Agora, encontram-nos vestidos de balalaica, calçados — já não é africano. Não tiram fotografia.

Para eles é preciso que a África não tenha indústria, que continue a enviar matérias-primas. Não tenha siderurgia. Porque é luxo para o africano.

É preciso que a África não tenha barragens, pontes, estradas, fábricas de tecidos para confeccionar roupa para os homens e senhoras, roupa para as crianças. Fábrica de calçado de luxo? — Não, o africano não merece isso. Ter uma casa com piscina, um hotel de luxo? — Não, já não é para africanos.

Para nós, sociedade socialista significa:

- * ter lugares de repouso para os trabalhadores
- * festejar as festas, bebendo um copo de cerveja, de vinho, de laranjada, comendo bolos bem confeccionados
- * produzir brinquedos para oferecer às nossas crianças nos seus aniversários
- * produzir flores para oferecermos às nossas mulheres, mães dos continuadores da Revolução
- * ter as ruas das nossas cidades limpas
- * criar parques e jardins para descanso e alegria dos adultos e crianças

Temos que avançar para concretizar estes objectivos.

Mas sentimos que há feridas no nosso corpo que sangram constantemente.

Sentimos que o corpo jovem do nosso país tem doenças que impedem o crescimento

Sentimos que os agentes do inimigo se aproveitaram da nossa condescendência e benevolência para se instalarem no nosso seio.

Tudo isto impede o nosso avanço. É o matope que torna pesadas as nossas botas. Decidimos descalçar a bota e tirar o matope.

CAPITULO IV

A OFENSIVA — O QUE ENCONTRAMOS

Desencadeámos a ofensiva.

O nosso corpo não estava são para poder crescer depressa e sem obstáculos.

Por isso:

- fomos tirar a temperatura
- fomos fazer análise ao sangue
- fomos tirar a radiografia

Por isso:

- procurámos as feridas que infectam o nosso corpo
- procurámos os parasitas agarrados à nossa pele
- procurámos os micróbios infiltrados no nosso sangue

E viemos aqui para entregar ao povo a radiografia da situação no nosso país.

Viemos aqui para encontrarmos o tratamento adequado.

Viemos aqui para dar novas tarefas, tarefas de uma fase aguda da luta contra o inimigo que nos ataca e desafia o nosso poder.

Definimos a década de 80 como a década da vitória sobre o subdesenvolvimento.

* Definimos:

- o ritmo do nosso crescimento
- os grandes objectivos a alcançar

- as grandes metas a atingir nestes dez anos
- os grandes projectos a realizar

* Definimos a grande batalha a travar para liquidar, nesta década,

- a fome
- a nudez
- a doença
- o analfabetismo
- a ignorância
- o obscurantismo
- o desemprego
- o subdesenvolvimento

Em síntese

- a pobreza
- a miséria

As condições para atingirmos estes objectivos são favoráveis:

- o Povo quer a Revolução
- o Povo quer o progresso
- o Povo está engajado na luta contra a fome, a nudez, a ignorância, o subdesenvolvimento
- o Povo tem a força, a força das lutas que já travou e venceu, a força da certeza da vitória nos novos combates.
- A vitória do Povo do Zimbabwe permite que viremos as nossas armas principalmente para dentro do nosso país.

Por isso dizemos:

- o vento sopra com força
- devemos içar as velas para o nosso barco avançar com rapidez. Para isso, temos que aproveitar integralmente a força desse vento que é o nosso Povo. O vento, neste

caso, é o nosso Povo, do Rovuma ao Maputo.

Ao desencadearmos a ofensiva fomos visitar:

- os portos
- os aeroportos
- os armazéns
- as lojas
- os serviços da APIE
- os hospitais
- visitámos as fábricas:

* a FASOL

- produz óleo alimentar e tem capacidade de moer 160 toneladas diárias. Mas não faz.

As suas máquinas estão velhas. Param constantemente por falta de sobressalentes.

* a SABOREL

- é uma fábrica de sabão e sabonetes. Uma das linhas de fabrico estava parada. Foram pedidas peças há mais de 2 anos e não chegaram. Estava a produzir metade do que poderia produzir.

* a FACOBOL

- produz sapatilhas e botas de borracha, câmaras de ar para bicicletas e outros tipos de artigos de borracha.

Tem capacidade para produzir 3 mil pares por dia mas só produz 1 200. Deixou de produzir vários tipos de sapatilhas porque a ENCATEX disse que o «Povo não gosta».

Quer dizer que o Povo não gosta dos modelos bonitos...

- * a UFA
 - também produz sapatilhas e outros artigos de borracha.
 - Vimos ausência total de Direcção correcta. Desorganização completa. Indisciplina — atrasos de mais de meia hora. Suspendemos a Direcção.
- * fomos à PROTAL
 - é uma fábrica de leite condensado, manteiga e queijo. A fábrica estava com dificuldades de matéria-prima, mas havia leite em pó amontoado nos armazéns.
 - É uma fábrica organizada.
- * na SOGERE (são várias fábricas de cerveja e refrigerantes)
 - Visitámos a fábrica de cerveja 2M e a fábrica Vitória. Encontrámos roubos, bebedeira, desorganização, faltas, atrasos, baixa sistemática de produção, sujidade, falta de aprumo, ausência de Direcção.
 - A fábrica de cerveja 2M pode produzir 30 milhões de litros de cerveja por ano, mas só produziu 20 milhões em 1979.
 - A fábrica de refrigerantes da Machava pode produzir 119 000 caixas e só produziu, no ano passado, 60 000. metade portanto. Por isso vocês passaram as festas do Natal, as celebrações do 25 de Setembro, do 25 de Junho, passaram o fim do ano sem refrescos.
 - Pusemos as FPLM a ajudar a organizar. Reestruturámos a Direcção.
- * FABRICA DE ALUMINIOS
 - Produz loiça e uma grande variedade de utensílios de alumínio.

Encontrámos muita loiça em armazém. Muitas estruturas do Estado não iam lá levantar a tempo as suas encomendas. Neste caso a Cogropa. Vimos muita loiça para a COGROPA, destinada ao mercado. Havia falta de loiça e a COGROPA não ia levantar.

* fomos à COMPANHIA INDUSTRIAL DA MATOLA

— Produz toda a espécie de bolachas, massas alimentícias e farinhas. Tem moagem de trigo, milho e fábrica de chocolates.

O Director da fábrica desconhecia totalmente os problemas da fábrica. Não foi capaz de fornecer qualquer informação útil.

* visitámos a FABRICA DE CIMENTOS

— Tem capacidade para 600 000 toneladas e em 1979 só atingiu 240 000 toneladas (pouco mais de um terço da capacidade). Por isso vocês não conseguem comprar cimento.

Notámos boa organização.

* fomos à fábrica PROLAR

— É a única fábrica do país para fabrico de escovas, pincéis, utensílios de limpeza.

Verificámos que é uma pequena fabriqueta artesanal. Totalmente dependente de matéria-prima importada. Até importam sisal do México e folhas de palmeira da Índia.

— E as folhas de palmeiras de Moçambique não servem. Dizem que não servem: mentalidade colonialista. O sisal de Moçambique e da Tanzania não serve. Tem de vir do

México porque é um sisal especial, dizem. Sisal é sisal. Petróleo é Petróleo. Óleo de girassol é óleo de girassol em toda a parte. Azeite de oliveira em toda a parte é azeite de oliveira. Não sei porque é que as palmeiras de Moçambique não podem dar para fazer escovas. Não sei porque é que o sisal daqui não serve para fazer pincéis. Tem de vir do México...

• **MABOR**

— É a única fábrica do país de pneus para tractores, camiões, carrinhas e turismos.

O armazém estava cheio de pneus. Não deixavam a fábrica vender. Era preciso requerimento para comprar um pneu.

Encontrámos muito bom nível de organização. E os trabalhadores competentíssimos.

• **TEXLOM**

— Produz tecidos.

Já não procuram conhecer o gosto do consumidor. Dizem que os seus desenhos são «tradicionalmente africanos» e com isto justificam os maus padrões.

— Encontramos nas capulanas jacarés, caranguejos, peixes, lagartixas, caracóis, cágados. Nas nossas capulanas, encontrámos o caju, a palmeira, quando muito. Já não há bom gosto: flores, bons padrões para cerimónias. Dizem que é difícil. Não sei como vamos passear neste País. Já desenharam todos os modelos que vamos vestir em 1980 e já estão a começar

para o ano de 1981. Não custa desenhar caranguejos, camaleões, nas nossas capulanas. Só não vi tubarão... É isto que nós queremos? É isto que vocês querem?

* **CARMOC**

— É uma fábrica de malas e de embalagens de cartão. Encontrámos interesse e boa organização. É necessário ampliá-la.

* Fomos também a uma das fábricas da **CAJU DE MOÇAMBIQUE**, a fábrica do Chamanculo.

Desencadeámos a Ofensiva:

- na Beira
- em Maputo
- no Xai-Xai
- em Inhambane
- em Chimoio
- em Tete
- em Quelimane
- em Nacala
- em Nampula
- em Lichinga
- em Pemba

O que encontrámos em todos esses lugares do nosso País?

* Nos portos, encontrámos:

- ausência de direcção
- desorganização
- incompetência
- indisciplina instalada
- burocratismo
- desleixo
- espírito de rotina
- preguiça
- métodos de trabalho errados
- roubo

- sabotagem e destruição de mercadorias e de equipamento.
- * Encontrámos toneladas de produtos que foram deixados apodrecer, que foram deixados de qualquer maneira, ao sol, à humidade e à chuva, e se estragaram.
- * Encontrámos o burocratismo organizado, o burocratismo transformado em sistema para fazer paralisar a nossa economia:
 - Por causa de um papel a máquina ficava retida no armazém do porto e a fábrica não trabalhava.
 - Por causa de um carimbo a matéria-prima estava no porto e a fábrica parada.
 - Porque ninguém se preocupava em tomar a iniciativa, apodrecia a copra em Quelimane e a fábrica de óleo e sabão não tinha matéria-prima.
- * Encontrámos a indisciplina, a preguiça, a greve de braços caídos.
 - Um navio que pode ser descarregado em dois dias, era descarregado em 10 dias, em 15 dias.
- * Encontrámos a confusão, a desorganização, a anarquia, a ausência de poder.
 - Todos eram chefes e ninguém dirigia!
 - Todos eram chefes e ninguém tinha a responsabilidade
 - não havia hierarquia, não havia definição clara das funções de cada um
 - todos seguravam o cabo do martelo, por isso, a cabeça do martelo não tinha força.
- * Encontrámos o roubo organizado, roubo que desde a época colonial era uma coisa normal.

Esta era a situação dos nossos portos.

Esta era uma situação num local tão sensível, num ponto tão estratégico da nossa economia como é o porto.

E os portos são os pulmões do nosso País.

- * Por eles chega o tractor, a máquina, o camião, o automóvel que importamos.
- * Por eles chega o adubo, o fertilizante, o pesticida que utilizamos na machamba.
- * Por eles passa o trigo, o milho, o arroz, a carne que compramos para alimentação do nosso Povo.
- * Por eles chega a capulana, a lâmina de barbear, o leite para as crianças, a agulha de coser, o candeeiro, a lanterna, a lâmpada, o brinco, o botão.
- * Pelos portos sai a castanha de caju, o algodão, o carvão, a madeira, os citrinos — através dos quais obtemos divisas.
- * Os portos são também a cara, a montra do País.
- * O navio chega, descarrega a mercadoria, torna a partir, mas esteve em Moçambique. Só porque esteve no Porto de Maputo, no Porto da Beira, no Porto de Nacala, esteve em Moçambique.
 - o que os tripulantes viram de Moçambique foi o porto;
 - a ideia que fazem do nosso País, é através do porto.
- * Quando o porto funciona mal, a vida de todo o nosso Povo é afectada.
- * Quando voltámos a visitar os portos de Maputo e da Beira, verificámos já profundas transformações; as melhorias eram visíveis.
- * Os estivadores em todo o Mundo são conhecidos como ladrões. Estes aqui também roubavam muito. Eu sei. Mas garantiram-me que agora não vão roubar nem sequer uma agulha. Se roubarem, vamos punir. Não queremos ladrões neste País. Nós não lutámos para transformar o nosso País em País de ladrões. Não lutámos para transformar o nosso País

em País de indisciplinados, País de preguiçosos, desleixados, sujos. Não era isso. Era para conquistarmos a nossa dignidade, a nossa personalidade.

Visitámos o aeroporto de Mavalane.

- * Ouvimos falar do aeroporto
 - da falta de cortesia dos seus trabalhadores,
 - da falta de higiene,
 - da falta de preocupação por um passageiro que não encontra a sua mala,
 - das longas bichas de espera,
 - da água que escorre dos tectos,
 - das paredes manchadas,
 - dos armazéns desorganizados,
 - do matagal à volta das pistas.
- * O que é um aeroporto?

O aeroporto é uma sala de visitas. O aeroporto é o primeiro cartão de visita para o estrangeiro que chega a Moçambique.

 - O visitante chega ao nosso País depois de muitas horas de viagem — vem da Europa, vem da Ásia, vem de todo o mundo.
 - A primeira impressão que colhe sobre Moçambique é a que lhe é transmitida pelo aeroporto.
 - * se o aeroporto está sujo, desorganizado,
 - * se não encontra aberto o restaurante para tomar café ou refresco,
 - * se tem de esperar longas horas na bicha da migração, na bicha da bagagem,
 - * se não é atendido com delicadeza e apuro...é essa a primeira impressão com que o visitante fica de Moçambique. Impressão de sujidade, desorganização, desleixo, apatia e absentismo.
- * O aeroporto é um símbolo de unidade nacional.

— A ele chegam homens, mulheres e crianças de todo o País.

Todos se encontram no aeroporto.

— O habitante de Cabo Delgado que vem visitar a capital, a primeira coisa que encontra é o Aeroporto de Maputo.

É aí que forma a primeira imagem da nossa capital.

Visitámos os armazéns:

- do Comércio Interno
- do Comércio Externo
- da Saúde
- da Educação
- de outros sectores

* Encontrámos nos armazéns:

- a desorganização
- a inércia, o imobilismo
- o desleixo
- o roubo
- a sabotagem

* Encontrámos grandes quantidades de produtos que estavam lá desde 1975, desde 1976, desde 1977, desde 1978 — e faltavam nas lojas.

* Encontrámos, em armazéns de Maputo:

- 59 000 metros de tecido para capulana e lenços de cabeça, armazenados desde 1976;
- 4800 metros de tecidos armazenados desde 1977;
- 35 000 sacos de leite em pó, correspondentes a 700 toneladas, armazenados desde 1978

* e as mães não tinham leite para amamentar os seus bebês. Estavam nas bichas. Desidratadas as crianças por causa do sol. Gripes por causa da humidade

e das chuvas. E eles, com leite nos armazéns.

- 38 220 fraldas de bebé, armazenadas há mais de um ano;
- 112 500 toalhas de rosto e de banho, de variados tipos
 - * postas à venda, em poucos dias esgotaram-se no mercado. Havia falta de toalhas;
- milhares de latas de castanha de caju no valor de 8 mil contos, que apodreceram nos armazéns e não foram exportadas;
- mais de 100 000 pratos e chávenas, armazenados desde Setembro de 1979;
- 132 000 garrafas e 7000 garrações de vinho, encontrados num só armazém e que se estavam a acumular desde 1975. E o nosso Povo gosta de vinho, não é? Vinho com lagosta, com camarão, não gosta? Peixe com vinho branco, não gosta? Disseram que vocês não gostavam. Por isso guardaram nos armazéns. Sabotadores, agentes do inimigo!
- mais de 12 000 maços de cigarros de luxo armazenados há vários anos nos armazéns da DETA e estragados pela humidade;
- 16 000 pneus armazenados na MABOR e que não saíam porque era necessário fazer um requerimento que demorava semanas a ser despachado.

Em armazéns de outras Provincias, entre muitos produtos, encontrámos armazenados há mais de um ano:

- * mais de 100 mil lápis de carvão e de cor
 - isto só num armazém
- * 6000 toneladas de castanha de caju
- * 2400 toneladas de girassol
- * 1000 toneladas de amendoim

- * cerca de 1000 toneladas de copra
- * 9000 toneladas de açúcar
- * 177 toneladas de mandioca
- * 60 toneladas de sal
- * 58 mil litros de óleo alimentar
- * mais de 150 toneladas de leite em pó
- * cerca de 40 mil enxadas, pás, machados e catanas
- * 1 milhão e 600 mil latas de tomate
- * grandes quantidades de calçado, roupa, brinquedos para crianças
- * grandes quantidades de mantas, e muitos não têm mantas.

Encontrámos já deteriorados:

- * 90 toneladas de sal
- * milhares de metros de tecidos
- * toneladas e toneladas de semente de trigo, amendoim e algodão
- * dezenas de toneladas de adubos
- * mais de 10 mil latas de sardinha em conserva
- * dezenas de toneladas de arroz, de milho, de feijão
- * dezenas de relógios e rádios, já estragados. Tudo isto encontrámos armazenado.

— Está longe de ser lista exaustiva.

- * Do que estava armazenado há um ano, há dois anos, há vários anos, muito tem sido despachado à pressa para venda ao público.
- * Tudo o que foi enterrado, tudo o que foi queimado, para não constituir prova de crime, quem o poderá saber?

— esta ofensiva ganhou o entusiasmo do Povo, fez agudizar a sua vigilância;

— aqueles que enterraram e queimaram produtos acabarão por cair nas mãos da justiça popular — já conhecemos muitos casos em todo o País;

- o que enterraram e queimaram não pode esconder o crime que cometeram.
- * E ainda temos que cavar mais fundo. O Povo descobrirá mais armazéns clandestinos, como fez em Maputo e noutras Províncias.
- * Encontrámos a desorganização no armazém.
 - os produtos amontoados de qualquer maneira;
 - os produtos mergulhados em sujidade;
 - ninguém sabia
 - * que produtos havia no armazém,
 - * de onde tinham vindo,
 - * para onde se destinavam,
 - * que quantidade tinha entrado,
 - * que quantidade tinha saído.
- * Mas os armazéns são pontos importantes de organização da produção
 - é no armazém que está a matéria-prima para a fábrica;
 - é no armazém que estão os sobressalentes para as máquinas;
 - desorganizado o armazém — está desorganizada a produção agrícola e industrial.
- * Os armazéns são pontos importantes para a distribuição dos produtos e para o abastecimento.
- * Pelos armazéns passam as nossas exportações.
- * Nos armazéns guardamos os produtos acabados das nossas fábricas e os produtos que importamos para o abastecimento do Povo.
- * Aquilo que viram na exposição, é apenas uma pequena parte do que encontrámos nos armazéns.

Em muitas fábricas, locais onde se forja a classe operária, classe dirigente, os trabalhadores não estão correctamente organizados. Vive-se o liberalismo, a anarquia, a indisciplina.

— o trabalhador apresenta-se tarde, nada acontece;

- o trabalhador chega bêbado, nada acontece;
- o trabalhador é preguiçoso, nada acontece;
- o trabalhador falta, nada acontece.
- * A direcção não dirige. As estruturas lutam entre si, os chefes disputam o poder. Resultado: ninguém exerce o poder.
- * Chegamos a uma empresa e perguntamos: «Quem é o responsável?» E, à nossa frente, um grupo de pessoas desorganizadas, sem hierarquia definida, responde: «Somos nós.»
 - Um conjunto de serventes constitui agora a direcção da empresa. Encontrámos isso na Octávio R. Lobo e em muitos outros lugares. Quando reparei, não vi senão «javalis» em frente de mim, são «javalis» colocados na direcção das empresas.
- * São «javalis» que foram colocados na direcção de muitas empresas.
- * Chegamos a uma empresa e, depois de fazermos algumas perguntas ao responsável, verificamos que
 - não conhece a empresa;
 - não tem plano de produção;
 - não sabe qual é o nível de produtividade;
 - desconhece todo o processo de produção.
 - * Vimos isto na Companhia Industrial da Matola. Mas estava lá o «senhor engenheiro»...
- * Chegamos a uma empresa e vemos que os chefes são pessoas que se autopromoveram, aproveitando a fuga dos patrões:
 - era dactilógrafo, agora é chefe do serviço de compras;
 - era servente, agora é gerente de vendas;
 - era contínuo, agora é tesoureiro.
 - * não fizeram nenhum esforço para aprender a dirigir;
 - * não adquiriram nenhuma competência;

- só aprenderam a ganhar mais dinheiro;
- só aprenderam a comprometer-se uns com os outros para terem salários altos;
- só aprenderam a não produzir o seu salário.

Não contentes com isto, roubam descaradamente dinheiro, roubam produtos.

- * A empresa não produz. Mas todos recebem salário.
 - a empresa só produz prejuízos;
 - no fim do mês vai ao Banco de Moçambique pedir empréstimo para pagar os salários;
 - é o Povo que, através do Banco, paga todos os meses estes salários.

- * Nas fábricas e nas empresas encontrámos
 - indisciplina
 - falta de pontualidade
 - falta de assiduidade, absentismo generalizado
 - desorganização
 - ausência de direcção
 - paralisação ou baixa de produção por falta de matéria-prima
 - máquinas paradas por falta de uma peça
 - roubos
 - privilégios abusivos
 - sabotagem

- * Nas padarias, abandonadas pelos donos e controladas pelos trabalhadores, assistimos ao aumento incontrolado de salários e à admissão exagerada de pessoal.
 - 23 padarias de Maputo, que tinham até à proclamação da Independência 500 trabalhadores têm agora 1800.

- admitiram os irmãos
 - admitiram os primos
 - admitiram os cunhados
 - admitiram os amigos
 - admitiram aqueles com quem praticam a corrupção
- Os salários subiram dez a quinze vezes. Padeiros que recebiam 1200, 1300 escudos sabem quanto recebem hoje? Cinco contos, seis contos. Onde vem o dinheiro?
- Entretanto, a produção baixou.
- Nas empresas, desenvolveu-se e institucionalizou-se uma prática que vinha do tempo colonial:
 - o trabalhador da fábrica leva para casa o produto;
 - o trabalhador da loja, primeiro abastece-se e só depois vende ao público.
 - Assistimos a isto:
 - na SOGERE, cada trabalhador podia levar para casa duas grades de cerveja, ao fim da semana.
 - se forem mil trabalhadores a levar, são:
 - duas mil grades por semana
 - 8 mil grades por mês
 - 96 mil grades no fim do ano
 Isto significa cerca de 2 milhões de garrafas por ano.

Mas a população não tem cerveja.
Isto deve acabar hoje mesmo. ,

- Na Companhia Industrial da Matola, ao fim do mês, cada trabalhador levava para casa 48 pacotes de bolachas.
 - se forem 500 trabalhadores a levar, são 24 mil pacotes de bolacha em cada mês, cerca de 300 mil pacotes por ano;

- * no fim do ano, são 288 mil pacotes de bolachas que não chegam à população.

Mas a população, para obter bolachas, tem de formar bicha.

— Na PROTAL, havia o hábito de vender queijo e manteiga aos trabalhadores. No entanto, a manteiga e o queijo faltam no mercado.

— Na AVICOLA, os ovos partidos são dados aos trabalhadores.

- * há trabalhadores que partem ovos, para poderem levá-los para casa;
- * cortam as asas das galinhas para serem retiradas da venda e levá-las para casa;
- * organizam-se assim as perdas;
- * organizava-se a baixa de produção.

E as galinhas e os ovos não chegavam à população.

— Em muitas Lojas, é hábito generalizado os empregados abastecerem-se antes dos clientes.

- * chega a batata — cada empregado carrega dez quilos;
- * chega o arroz — vinte quilos para cada um;
- * chega a farinha — cada um serve-se de 30 quilos.

O que fica — os restos — é para a população que espera longas horas na bicha. A população dizem: «Um quilo só para cada pessoa.» Mas eles levam dez, vinte, trinta quilos.

- * Para quê? Para depois venderem cá fora, cinco vezes mais caro. A isto chamamos: vocação exploradora.

- A isto chamamos: acção inimiga. Isto acaba também hoje mesmo.
- Encontramos isto principalmente nas Lojas do Povo.
- A estes privilégios e abusos junta-se o roubo.

- Em muitas fábricas encontrámos a sabotagem.

- são máquinas que ficam inutilizadas quando ainda deviam estar praticamente novas;
- são máquinas que ficam paralisadas porque alguém aparentemente se esqueceu de deitar o óleo;
- é matéria-prima que se deixa deteriorar;
- são produtos que ficam armazenados para além do seu tempo de utilização;
- é o deficiente engarrafamento ou embalagem dos produtos, que leva a que se estraguem.

- Como não há organização, como não há direcção, como não há definição clara de funções e competências, quando perguntamos: «de quem é a responsabilidade?», responde-se: «de ninguém.» Aconteceu... Foi azar!
- Não temos sorte!... Aconteceu!... É azar!... E a máquina está destruída. Custou 20 000 contos. Com 20 000 contos quantos hospitais distritais construíamos? Quatro ou cinco. No entanto, a máquina foi destruída. Aconteceu!...

Toda esta desorganização nos portos, nos armazéns, nas fábricas, nos transportes, faz com que o abastecimento às populações seja afectado.

Nas próprias estruturas do abastecimento, como a ENCATÉX e a COGROPA, nos armazéns e nas Lojas do Povo, encontrámos problemas graves:

- Incompetência — não sabem o que é a actividade comercial;
- Irresponsabilidade — a sua vida não está ligada à vida da loja, está ligada ao salário que levantam no Banco;
- Falta de respeito pelo público — ignoram que é o cliente que lhes paga o salário;
- Arrogância — pensam que é a população que depende deles e não eles que dependem da população;
- Grosseria — reproduzem a atitude de antigo patrão para com o nosso Povo;
- Inércia — desinteresse total pelos problemas da população, espírito do «deixa andar»;
- Falta de higiene — pensam que a higiene era privilégio do colono, que o Povo não precisa de higiene.

Mas de onde vem a comida que comemos?

- Sejam os claros: a comida tem de ser produzida. Não cai do céu.
- A roupa, o calçado, vêm da fábrica. Têm de ser produzidos. Somos nós que temos de os produzir.
- Só resolveremos os problemas do abastecimento aumentando a produção e a produtividade.
- A situação é esta: produzimos menos do que aquilo que comemos.
- Mais grave ainda: o pouco que temos fica nos armazéns sem ser escoado.
 - fica nos armazéns a apodrecer;
 - fica «esquecido» porque alguém diz que a população não gosta;
 - fica sem ser vendido na Loja do Povo porque falta um papel, porque falta um carimbo.

Passámos a ver a bicha como coisa normal.

- A bicha
 - passou a ser organizada
 - passou a ser fomentada
 - passou a ser preparada deliberadamente
- Foram marcados dias certos de venda de produtos para haver bicha
 - à segunda-feira para o arroz,
 - bicha à terça-feira para o açúcar,
 - bicha à quarta-feira para a farinha,
 - bicha à quinta-feira para o sabão,
 - bicha à sexta-feira para a batata.

Até parece uma repartição do Estado, em que há dias marcados para os registos...

- Nas lojas

- Os empregados não pesam nem embalam os produtos com antecedência.

Porquê?

- para que a bicha seja mais longa e demore mais tempo.
- Fomentaram a bicha para que o Povo ficasse descontente com o Governo.
- Fomentaram a bicha para:

- promover a imoralidade
- promover a violação de menores
- produzir criminosos
- baixar a produção
 - o trabalhador já não produz: está na bicha do arroz, está na bicha da carne
 - quando chega a casa, não encontra o jantar feito

- porque a esposa foi para a bicha

- porque as filhas foram para a bicha
 - as crianças perdem a noite na bicha
- Em muitas lojas, hoje, organiza-se a falta de produtos:
- não há o cuidado de encomendar antes de acabar
 - a loja recebe cinquenta sacos de farinha, trinta sacos de açúcar, trinta sacos de arroz, recebe sabão, óleo, batata. Vai vender até acabar
- acaba primeiro o açúcar, depois o arroz, depois o sabão, depois a batata, depois o óleo, depois a farinha.

Quando já não tem nada, quando as prateleiras já estão vazias, o responsável vai ao armazém e diz:

— «Já vendi tudo. Como já vendi tudo, senhor chefe, missão cumprida!»

- é como a vendedeira de hortaliças no bazar do Xipamanine. Chegou de manhã, sentou-se. Pôs a sua hortaliça. Vende até acabar. Depois regressa a casa.

Outros não se mexem. Ficam à espera que os produtos lá cheguem. Isto passa-se com muitas Lojas do Povo.

Entrei numa Loja do Povo onde encontrei um regimento de empregados. Um acompanhou-me, peguei numa das peças à venda, uma máquina especial de barbear e perguntei: «De onde vem esta máquina?» Não sabia. Quando acabar, como há-de mandar vir mais? «Ah, quem sabe é o senhor director das Lojas do Povo.» Perguntei onde fica, disse-

-me: «Não sei em que prédio.» E ele é que é o chefe da Loja do Povo. Isto são «javalis» nas Lojas do Povo...

- * Encontrámos a improvisação, a falta de planificação, o desconhecimento das necessidades do Povo.
 - mandámos feijão enlatado para onde a população produz feijão que fica a apodrecer porque não foi escoado;
 - mandámos o amendoim para trocar pelo caju
- * A população tempera o caril com a própria castanha. Tem interesse para ela trocar amendoim pela castanha? Por uma lata de castanha recebe dois ou três quilos de amendoim: Não aceita.
 - Mas não mandamos aquilo que a população quer:
 - * não mandamos a capulana, os fósforos, o petróleo, a agulha, a catana, o machado;
 - * não mandamos a enxada, o lenço de cabeça, a pulseira, a panela, a fralda para a criança, a camisa, a calça, o açúcar, o sal, os brincos, a ntehe;
 - * não mandamos aquilo de que a população precisa;
 - * não temos sensibilidade para os seus gostos, para as suas necessidades.
- * Encontrámos em Niassa centenas de vidros de candeeiros sem os respectivos candeeiros; em Pemba, encontrámos os candeeiros sem vidros.
- * Encontrámos em Cabo Delgado e em Niassa centenas de bicicletas novas incompletas que já estão enferrujadas. Mas a população anda

- a pé distâncias longas.
- Encontrámos a lentidão organizada, encontrámos o imobilismo.
 - O pano chega à capital da Província e não é vendido durante semanas ou meses porque não tem preço. Mas a população não tem roupa e sabe que o tecido está lá.
 - O milho chega à capital da Província e fica meses no armazém, à espera de ser decidida a sua distribuição. Dizem: «Estamos a estudar o preço!»... Mas a população tem fome.
 - Outras vezes, é o arroz que fica a estragar-se nos armazéns, por falta de transporte. Mas os camiões circulam vazios.
 - Quando chega a época de comprar a castanha de caju, os produtos para vender ao camponês não estão nos Distritos — estão armazenados na capital da Província.
 - Encontrámos nos armazéns tecidos destinados à campanha de 1978 e depois dizem que a baixa de produção foi provocada pelo mau tempo... Não fizeram nada para trocar a castanha, mas dizem que foi mau tempo...
 - Mas os responsáveis por isto são pagos por nós. Recebem salários do Estado.
 - Nisso são pontuais. Nisso são dinâmicos. Se o salário atrasa uma semana, temos agitação.
 - Não se agitam por verem a comida do Povo a apodrecer nos armazéns.
 - Não se agitam para resolver os problemas da população.
 - A população passou o Natal, passou as Festas sem vinho — mas o vinho existia nos armazéns.
 - Vieram roupas para o Ano Internacional da

Criança — grandes quantidades ficaram nos armazéns.

- Chegaram lâminas para a barba, graxa para os sapatos e muitas outras coisas de que a população necessita — mas não foram postos à venda.

Isto é organizado por quem? Pela reacção.

- Por aqueles que tiram prazer do sofrimento do Povo.
- Por aqueles que se comprazem em ver crianças na bicha, ao sol ou à chuva.
- Por aqueles que ficam contentes quando o Povo não tem comida, não tem roupa, não tem calçado.

APIE

- Na habitação, encontramos a mesma situação.

Quando nacionalizámos os prédios dissemos:

- Em cada casa, em cada parede, em cada palmo de terra está o suor, está o sangue de um moçambicano.

Mas fomos entregar a defesa dessa conquista àqueles que queriam banhar-se no sangue do Povo!

Entramos na APIE e o que é que encontramos?

- encontramos um covil de bandidos;
- um antro de corrupção, um centro de humilhação do Povo;
- encontramos uma base do inimigo para destruir as nossas conquistas;
- encontramos um centro difusor de boatos para denegrir a Revolução.

- A APIE está entregue a agentes, a lacaios dos antigos donos dos prédios.

— entregue a boçais, a selvagens, a marginais que se comportam como porcos. Entregue a uma minoria de sanguessugas.

- Pusemos esses lacaios a administrar os prédios conquistados pelo Povo.
- E o resultado qual é?

— prédios sem luzes
— elevadores avariados
— canalização entupida
— torneira que deita água
— infiltração de água no prédio

- O objectivo final é:
— destruição dos prédios — são pagos para destruir, recebem salário para destruir
— destruição das nossas conquistas

- A população procura casa e dizem: «Está ocupada.» Houve até alguém que foi lá e indicou um número de casa. Disseram que estava ocupada. Mas o número indicado era o número do cemitério... É verdade, essa está ocupada...

— Mas eles têm 4, 5 casas

- * casas que transformaram em «boites»
- * casas que transformaram em «cabarets»
- * casas para alojar as suas amantes
- * casas para satisfazer os seus interesses mesquinhos, secundários e egoístas.

- A população procura casa e não encontra.
- Quando trabalhadores são transferidos, são obrigados a pôr uma cama na repartição porque na APIE dizem: «não há casa»
— mas existem casas vagas.

- Os cooperantes ficam meses nos hotéis com

as suas crianças, com as suas mulheres, porque não há casas em Maputo.

— mas existem casas vagas.

- Tivemos de anular contratos com médicos, com engenheiros, especialistas de vários domínios, com técnicos competentes, por não termos lugar para os alojar.
— mas existem casas vagas.

- O aluguer de casas torna-se uma forma de suborno, torna-se instrumento de compromisso.

- Responsáveis e trabalhadores da APIE não pagam renda.

— Não sabem o que é ser guarda, o que é ser servente.

Ocupam casas, não pagam renda, e pensam que é um direito.

- Móveis encontradas nas casas — as melhores iam mobilar as casas dos responsáveis da APIE.

— outras eram oferecidas aos amigos;

— outras eram vendidas particularmente;

— as que ficavam, iam para o armazém, a monte, para se estragarem depressa.

- A APIE protegia e promovia a ocupação ilegal de casas. Eram eles a dizer: «Arrombe a porta e ocupe, que nós depois legalizamos.»

- Organizaram a ilegalidade, organizaram o caos, organizaram a anarquia.

- Nunca fizeram ficheiro das casas

— para que não pudesse haver contróle;

— para ser mais difícil detectar as irregularidades;

— para esconder o roubo e a corrupção

(mas o gato é gato e deixou o rabo de fora).

- Ocupantes legítimos eram expulsos, aqueles que pagam, cumprem bem os seus deveres, eram expulsos para darem lugar aos amigos e «compadres» dos senhores da APIE. «Compadres» e «comadres»! Quando há compadre há também comadre. E onde há compadres e comadres há afilhados também. Por isso consideraram-se donos da APIE, senhores da APIE.
- Foi isto que encontramos na APIE.

DETA

Todos se queixam da DETA.

- queixam-se aqueles que têm que dormir à noite nos aeroportos para tentarem um lugar no dia seguinte;
- queixam-se aqueles que têm OK no bilhete e chegam ao aeroporto e não conseguem viajar;
- queixam-se aqueles que viajam de Lichinga e Pemba para Maputo, e não têm sequer uma refeição;
- queixam-se as mães que a bordo do avião não têm água para dar às suas crianças;
- queixam-se aqueles que têm de se apresentar no aeroporto três horas antes do voo.

Hoje, na DETA:

- não comemos nos aviões;
- não temos manta para nos cobrir;
- não há copos para servir refresco;
- não há uma chávena de chá, não há café;
- não há lenços para refrescar;
- não há sacos de enjoo;
- não há uma aspirina para uma dor de cabeça;

- não há almofadas para conforto do passageiro;
- não há berços para crianças;
- não há whisky, não há champanhe, não há vinho, não há cerveja, não há limonada não há cigarros, não há perfume.

Que avião é este? É um camião? O camião ao menos tem estações para os passageiros comerem, não é verdade? Agora que camião é este? Sair de Roma até Maputo sem vinho, sem champanhe, sem whisky. As pessoas gostam de beber, gostam de comprar qualquer coisa. Gostam de comprar lembranças para os seus amigos. Não, não há na DETA! Que camião é este? Até o machimbombo expresso tem estas coisas. Agora que tipo de camião é este? O piloto sente-se bem neste camião? A assistente de bordo sente-se bem? Não, porque conhecem as regras internacionais!

Porquê?

- dizem que não recebem abastecimento;
 - dizem que não têm mantas;
 - dizem que o lenço para refrescar, o saco de enjoo, são luxo;
 - dizem ser dificuldades do socialismo.
 - Mas os aviões que vêm dos países socialistas têm vodka, brandy, rum...
- Mas o que vimos nos armazéns da DETA?
 - perfumes e isqueiros de luxo;
 - os melhores cigarros já estragados pela humidade;
 - milhares de saquinhos de leite-creme para o café, o chá — tudo estragado;
 - milhares de toalhas e lenços já em deterioração;
 - peças para aviões da DETA que não eram levantadas;

- tapetes e alcatifas que não são levantados;
 - centenas de peças de tecido para fardamento;
 - centenas de fardas para trabalhadores e assistentes de bordo;
 - mantas a serem cortadas para servirem de panos de limpeza.
- O que vimos na DETA foi a desorganização organizada
- foi o desprestígio da empresa;
 - foi o desprestígio da República Popular de Moçambique;
 - foi o conflito pessoal e o departamentalismo;
 - foi a sabotagem planeada;
 - foi todo um processo para liquidar a DETA.

CAPITULO V

O INIMIGO INTERNO

Há pouco falámos da herança colonial.

Mas agora isto é nosso produto. Produto desta nova fase. Não podemos dizer que é produto do colonialismo.

Deixámos que uma minoria se infiltrasse nas nossas estruturas

- são uma minoria no Aparelho de Estado;
- são uma minoria nas empresas, nas fábricas, nos armazéns;
- são uma minoria nos Portos, nos Aeroportos, na DETA;
- são uma minoria nas Lojas do Povo, na APIE.

- * São uma minoria de reaccionários, de agentes do inimigo que ocupam tarefas de Direcção e lugares de chefia.

Deixámos que os agentes do inimigo ocupassem posições-chave.

Esta é a nossa realidade actual

- é necessário encontrarmos a sua raiz;
- é necessário determinarmos as suas causas;
- é necessário detectar e punir os responsáveis.

Não é por acaso que estes problemas surgem em todos os sectores, em todas as Províncias.

Não é por acaso que eles aparecem como uma cadeia de problemas, ligados uns aos outros.

- não são questões isoladas
- não são problemas pontuais
- não são pequenas irregularidades

São o resultado de uma acção vasta. Acção com objectivos precisos:

- contra o processo revolucionário
- contra o poder popular
- contra a nossa independência económica
- contra a construção do socialismo em Moçambique

Não é por acaso que essa acção corresponde à propaganda feita pela «Voz da Quizumba».

É uma acção deliberada, organizada, coordenada e dirigida do exterior. A cabeça está fora! Cá dentro só temos o corpo, mas a cabeça está fora!

Estes são simples executores. Simples instrumentos.

Estes são lacaios, cortados do exterior. São filhos abandonados, são filhos bastardos.

O inimigo actua no nosso País. Infiltrou-se e instalou-se. Ele está:

- em pontos estratégicos da nossa economia
- nos portos
- nos transportes
 - rodoviários
 - ferroviários
 - marítimos
 - e aéreos
- nas empresas
- nas fábricas
- nos hospitais
- nas lojas
- nos diversos sectores da nossa sociedade

O inimigo instalou-se

- nos sectores mais sensíveis do Aparelho de Estado
- nos Ministérios e nos Governos Provinciais

Porquê?

- Porque alguns responsáveis se deixaram embalar por relatórios falsos
 - * Relatórios triunfalistas
 - * Relatórios que escamoteiam a realidade
- Porque alguns responsáveis são sensíveis à adulação
 - * sensíveis ao servilismo
 - * sensíveis aos lambe-botas
 - * sensíveis ao beija-mão
- Perderam a sensibilidade para os problemas do Povo.
- Ficam insensíveis às queixas do Povo.
- Comprometem-se.
- Perdem o martelo. Abandonam o leme.
- Perdem o contróle. Não dirigem. Não exercem o Poder que o Povo lhes confiou.

Principalmente desde o III Congresso do Partido FRELIMO o inimigo passou a actuar a dois níveis:

- * a partir do exterior, principalmente através das agressões criminosas do regime racista da Rodésia e da infiltração de bandidos armados;
- * no interior, através dos seus agentes, lacaios, com o objectivo de, por dentro, impedir a realização dos objectivos traçados pelo III Congresso e destruir as conquistas populares. E destruir a solidariedade internacionalista de que somos objecto por parte dos países socialistas.

O seu alvo fundamental, ao nível interno, é o Aparelho de Estado, as estruturas que têm a tarefa

de garantir a implementação das decisões do III Congresso.

A sua missão é desorganizar o nosso Partido e o nosso Estado Popular. A sua missão é instalar:

- a indisciplina
- o liberalismo
- a anarquia
- a corrupção
- o tribalismo
- o regionalismo
- o racismo

• A sua missão é:

- promover a incapacidade e o desinteresse em resolver os problemas
- promover a incompetência
- promover e garantir a negligência
- deturpar sistematicamente as orientações
- o desprezo pelo Povo
- a insensibilidade para com os problemas do Povo
- o parasitismo
- o burocratismo

Os agentes físicos do inimigo infiltram-se no Aparelho de Estado. Quem são eles?

- são PIDEs
- os ANPs
- os GEPs
- os GUMOs
- os FUMOs
- os FICOs
- os POPOMOs
- os MOCONEMOs
- os Convergência Democrática
- os FRECOMOs
- os que fizeram o 7 de Setembro e o 21 de Outubro

- as comadres do Movimento Nacional Feminino
- são as madrinhas de guerra
- aqueles que foram preparados pelo colonialismo para os substituir, que ficaram cá como minas retardadas para explodir a longo termo.

Os grandes fugiram, mas ficaram os pequenos. Fomos condescendentes para com eles. E eles aproveitam-se disso. Tomam a nossa bondade por fraqueza.

Agora surgem como encarregados de aplicar a nossa política.

- surgem como executores das decisões do Estado;
- aparecem revestidos do nosso poder;
- disfarçam-se utilizando a nossa linguagem;
- destroem os bens do Povo, os bens do Estado, as conquistas da Revolução — e nós ainda lhes pagamos salários. Coexistimos com eles.

Para desorganizar as estruturas do Aparelho de Estado, utilizam as mais diversas táticas.

- generalizam a indisciplina;
- procuram isolar os bons trabalhadores, através da calúnia e do boato;
- usam o populismo e o paternalismo para promover os incompetentes e incapazes;
- usam ultra-esquerdismo para minarem o exercício do poder;
- utilizam o amiguismo e o nepotismo para criarem a rede do comprometimento;
- instalam o suborno e a corrupção generalizados;
- usam o burocratismo para organizarem a lentidão na resolução dos problemas;
- utilizam o tribalismo, o racismo e o regionalismo para fomentarem a divisão;

- recorrem ao autoritarismo para disfarçarem a incompetência e impedir a discussão dos problemas;
- preservam e defendem os métodos de trabalho do Aparelho de Estado colonial, para impedirem que as nossas estruturas sejam revolucionárias.

A acção do inimigo concentrou-se em particular nas estruturas do Aparelho de Estado que estão mais ligadas ao desenvolvimento da nossa economia e à satisfação das necessidades do Povo. Os seus alvos principais:

- abastecimento do Povo
- habitação
- transportes
- saúde
- sectores produtivos

Um dos seus objectivos essenciais é impedir o Aparelho de Estado de dirigir a economia.

Por isso, a sua actuação dentro do Aparelho de Estado é subtil. Não surgem abertamente contra a nossa política. Executam-na na aparência, mas deturpam-na na realidade.

CAPÍTULO VI

ANÁLISE DA SITUAÇÃO

No III Congresso definimos a função social da actividade privada: do comércio privado, do agricultor privado, do industrial.

Depois da Independência, o nosso Estado interveio diversas empresas.

- para garantir o seu funcionamento
- para combater a fuga dos seus donos
- para combater a sabotagem que eles próprios desencadeavam
- para combater a fraude

Definimos a estatização dos sectores estratégicos da nossa economia.

Mas que verificamos hoje?

Houve um desvio esquerdista que levou o Estado a controlar:

- pequenas machambas
- pequenos negócios
- boutiques
- barbearias
- cabeleireiros
- sapatarias
- mercearias
- charcutarias
- cantinas
- pequenas lojas
- restaurantes, cafés, pastelarias, bares, salões de chá
- padarias

- talhos
- garagens e bombas de gasolina

Após a Independência, a fuga dos colonos levou à destruição da rede comercial no nosso País. Muitas lojas e cantinas foram abandonadas.

- * Era necessário preencher rapidamente o vazio; nessa tentativa cometemos alguns erros.

O inimigo aproveitou as condições que lhe eram favoráveis neste sector. Utilizou o ultra-esquerdismo.

- * Para levar comerciantes privados a fechar lojas;
- * para multiplicar a abertura de Lojas do Povo;
- * para criar nelas o parasitismo institucionalizado;
- * para que a definição da função social do comerciante privado fosse negada.

Este desvio deu origem à actual situação das Lojas do Povo.

- * Através das Lojas do Povo, o Estado encarrega-se directamente de vender tudo:
 - agulhas
 - botões
 - alfinetes
 - amendoim a escudo
 - petróleo a quinhenta
 - o lenço
 - a capulana
 - o quilo de arroz
 - a garrafa de óleo
 - a barra de sabão
 - o corte de cabelo
 - o arranjo das unhas

A transformação duma loja privada em Loja do Povo significava:

- * Pôr o letreiro «Loja do Povo» na montra;
- * vender a mercadoria que estava dentro da loja até acabar;
- * manter a loja depois sem mercadorias;
- * fazer delas focos de corrupção, centro de boçalismo.

Hoje as Lojas do Povo têm 7 mil empregados. Comportam-se como funcionários do Estado. Não têm a preocupação de servir o Povo, não têm a preocupação de vender mais e melhor, mas ganham seis contos, onze contos, até 18 contos.

- * Enquanto o professor, que educa, que transmite o conhecimento científico, que liquida a ignorância, o obscurantismo, a superstição, o analfabetismo; o professor que nos abre os horizontes, que nos faz ver e conhecer o mundo, que tem à sua responsabilidade 200 alunos —, esse ganha 4, 3 contos e até menos.
- * Enquanto o enfermeiro, que combate a doença que salva vidas, com dois anos, com três anos de curso, com 20 anos de serviço, ganha 7, 8 contos.
- * Operários de sectores que produzem para a exportação, mineiros que produzem as nossas divisas, ganham salários ainda mais baixos que os empregados das Lojas do Povo.

Vamos pôr cobro a esta situação.

— É inadmissível. É desumana esta situação.

O Estado, hoje, tem empresas

- Para vender agulhas
- para fazer a barba
- para arranjar o cabelo das senhoras

Vamos acabar com isso! Devolver aos donos! Algumas senhoras já nem ficam nos cabeleireiros. Quando é fim do ano têm férias: vão para a !nhaca,

para Pomene, mas não saíam naquele tempo em que eram donos desses estabelecimentos. Queriam ganhar! Agora, não. Têm o vencimento garantido de cabeleireira. Parasitas! Não tratam o cliente com delicadeza, nem se preocupam em arranjar os produtos para as nossas senhoras se sentirem bem. Já não! Os cabeleireiros cortam com canivetes os cabelos das pessoas, fazem a barba com canivete. Já não têm delicadeza.

O Estado paga salários a pessoas que não trabalham, não produzem.

Generalizou-se o parasitismo à custa do Estado.

* Generalizou-se o parasitismo à custa do suor do Povo.

* Encontramos o burocratismo — forma de sabotagem/a nível do Aparelho de Estado.

— Pedidos de importações essenciais arrastam-se meses e anos pelas gavetas das secretárias;

— a fábrica paralisa, baixa a produção porque falta matéria-prima, porque falta uma peça. No entanto, os papéis necessários estão na gaveta da secretária.

— A acção do inimigo infiltrado no Aparelho de Estado, nos pontos estratégicos, nos centros nevrálgicos, é uma acção com objectivos precisos.

Pretende:

* Levar o Povo ao descontentamento generalizado contra o seu próprio Poder;

* Levar o Povo a pensar que o seu Governo é incapaz;

* Levar o Povo a combater o seu poder, a lutar contra si mesmo;

* Agitar o Povo, para transformá-lo em cavalo de assalto e o inimigo ser o cavaleiro.

— Actuam no sentido de deturpar e denegrir a imagem do socialismo que estamos a construir. Querem provar que o socialismo é uma coisa má.

- * Quando o Povo produz e a sua produção apodrece — dizem que é o socialismo;
 - * O Estado tomou as empresas e elas não produzem — dizem que é o socialismo;
 - * O Estado criou a COGROPA e ela não distribui os bens essenciais — dizem que é o socialismo;
 - * Recebemos ajuda para apoiar as vítimas das calamidades naturais e os nossos armazéns transformam-se em calamidades — dizem que é o socialismo;
 - * Negligência, esbanjamento, destruição de bens essenciais, falta de sentido de responsabilidade, incompetência — dizem que é o socialismo, que são características do socialismo:
 - * Falta de interesse pela defesa dos bens do Povo — dizem que é o socialismo;
 - * Gerir barbearias, cabeleireiros, táxis — dizem que é o socialismo;
 - * Produzir sapatos sem atacadores, fazer o casaco com linha que destoa da cor do tecido, com maus acabamentos — dizem que é o socialismo;
 - * Viver na bicha — dizem que é o socialismo
- Foram ao ponto de ordenar a paragem das linhas de produção nas fábricas, dizendo: «O Povo não gosta disto...» Eu fui ver e eram bonitos sapatos! Bonitos padrões nas fábricas, como a Textáfria — agora produz coisas feias, porque é para o socialismo.
- * Quiseñam condicionar o gosto do Povo;
 - * Então encontramos tecidos com padrões iguais, padrões feios;

- * Tecido para capulana é igual a tecido para vestido — é socialismo! Incapacidade deles!
 - * Pano para vestido é igual a pano para camisa — dizem que é socialismo;
 - * Pano para camisa é igual a pano para calça;
 - * Pano de forro é igual a pano de robe, é igual a pano de vestido ou de camisa — dizem que é socialismo, esses alfaiates!
- Já não há diferença, não há gosto — dizem que é o socialismo.
- Hoje, no desenho das capulanas, vemos o javali, o macaco, a palmeira, o coco...
- * Dizem que o Povo não gosta de flores, não gosta de cores bonitas...
- Fazem tudo em nome do socialismo. É sabotagem. É acção do inimigo.
- A acção do inimigo é uma acção global, interligada.
- * Ela tem por objectivo
 - * afastar o Povo da Direcção
 - * organizar a contra-revolução
 - * fazer regressar o capitalismo
- O inimigo desafiou o nosso poder.
- Agora, que desencadeámos a ofensiva, ele procura organizar a contra-ofensiva.
- * Quadros honestos são ameaçados agora nas fábricas;
 - * Intimidam-se os trabalhadores bons, os trabalhadores conscientes;
 - * Procura-se camuflar o grau da infiltração, o grau da sabotagem
- * Mercadorias foram levadas para armazéns clandestinos

- * Deturpam-se as orientações que demos no decurso da ofensiva;
 - * Bandidos são avisados de que vão ser detidos, para poderem fugir.
- O inimigo sente que está a ser desalojado, sabe que está a ser detectado.
- Por isso, procura distarçar-se melhor
- * Tenta desviar a nossa atenção das questões fundamentais,
 - * Tenta pôr-se à cabeça da nossa ofensiva para poder desviá-la;
 - * Lança campanhas de boatos e calúnias para transformar os quadros honestos nos alvos da ofensiva.
- Há Províncias em que o inimigo desafia abertamente o nosso poder.
- * Intimida directamente o Povo;
 - * Prende aqueles que têm coragem de falar — esta não é nossa tradição. Nós somos o Povo, pelo Povo, para o Povo.
- Criam-se condições favoráveis ao inimigo quando:
- * Se coloca o inimigo na direcção da APIE;
 - * Quando as empresas do Estado assumem a responsabilidade de vender agulhas, fósforos, pilhas, botões;
 - * Quando permitimos que os esquerdistas se instalem no sistema de abastecimento e o controlem;
 - * Quando aceitamos a bicha como uma coisa normal;
 - * Quando atribuímos ao inimigo a nossa própria passividade, a nossa desorganização;
 - * Quando perdemos a sensibilidade para com os problemas do Povo. Estão aí as condições para o inimigo agir.

- Criam-se condições favoráveis à acção inimiga:
 - * Quando não exigimos responsabilidades e não pedimos contas das tarefas atribuídas;
 - * Quando nos escudamos nas dificuldades dos outros;
 - * Quando pensamos que o Ministério, a Direcção Nacional, o Hospital, a fábrica, podem avançar sozinhos.

- Criam-se condições favoráveis à acção inimiga:
 - * Quando assumimos a tradição colonial-capitalista, de ficar comodamente sentados no gabinete a fazer despachos, só na base de papéis e informações;
 - * Quando assistimos passivamente à destruição dos bens do Estado;
 - * Quando ignoramos o sentimento do Povo, as críticas da população;
 - * Quando ficamos surdos ao apelo da voz Justa do Povo;
 - * Quando perdemos a sensibilidade humana;
 - * Quando perdemos a sensibilidade de dirigentes;
 - * Quando perdemos o sentido do inimigo.

- Criam-se condições favoráveis à acção Inimiga:
 - * Quando assistimos passivamente à indisciplina, à falta de pontualidade, ao desrespeito pelo Povo, à grosseria, à corrupção, ao roubo, ao suborno;
 - * Quando promovemos a incompetência e a incapacidade;
 - * Quando a negligência passa a ser modo de vida e organização.

- Criam-se condições favoráveis à acção do inimigo:

- * Quando fazemos do imobilismo um modo de vida;
- * Quando fazemos do burocratismo um método nosso;
- * Quando permitimos que se fizesse da diluição do poder, da irresponsabilidade, um sistema de organização.

— Qual o resultado?

- * Transformou a APIE em associação de malfeitores;
- * Introduziu a desorganização e sabotagem nas estruturas do Estado;
- * Utilizou o espírito de rotina para tentar impedir a inovação e camuflar a incompetência;
- * Ameaçou os comerciantes para que eles deixassem de realizar a sua função social;
- * Desviou a atenção das estruturas do Estado para pequenos negócios;
- * Tentou transformar o hospital em centro de liberalismo, desleixo, falta de higiene e desprezo pelo Povo;
- * Transportou para as fábricas a irresponsabilidade, a sabotagem, a indisciplina, o roubo, a desorganização;
- * Transformou os portos, que deviam ser centros de dinamização da vida económica, em nós de estrangulamento, em centros de roubos, de desorganização, de destruição de produtos;
- * Transformou os armazéns em cemitérios de produtos
 - * onde o milho apodrece
 - * onde o leite apodrece
 - * onde o sabão, as bolachas, a roupa, o calçado se estragam e perdem a utilidade

- * Transformou a DETA num centro de desorganização e desprezo pelo público
- * num centro de descrédito, num centro de desprestígio para o nosso Povo, para a RPM.

— Este método do inimigo não é novo

- * Foi utilizado no Chile, para desorganizar a vida económica. Para preparar o caminho do golpe de estado fascista;
- * Foi utilizado na República Popular do Congo, até ao assassinato do Presidente Marien N'Gouabi;
- * Foi utilizado na República Popular de Angola para preparar o golpe contra-revolucionário dos fraccionistas.
Por isso o método é velho, conhecemos.

CAPITULO VII

COMO VAMOS DESTRUIR O INIMIGO

- * Nós vamos destruir o inimigo. O Povo está determinado. Ele é a força principal.

Temos as armas, vamos utilizá-las sem hesitações. Não vamos combater com rebuçados. Não vamos combater com balas açucaradas, balas falsas. Vamos utilizar as mesmas balas que derrotaram o colonialismo português em Moçambique.

O inimigo é o mesmo! Pode ter cor preta, amarela, branca, o inimigo é o inimigo, o inimigo precisa do mesmo tratamento. E neste caso são as baionetas. Só temos pena porque a cabeça está fora! Queríamos a cabeça aqui dentro. Para a esmagar, pulverizar, cilindrar!

- * Contra os implicados nesta situação utilizaremos a violência revolucionária.
 - * Vamos tomar medidas rigorosas para esmagar a contra-revolução.
 - * Vamos amputar o membro atingido pela gangrena.
 - * Vamos desalojar o inimigo infiltrado no nosso seio.
 - * Vamos cortar o cordão umbilical que os liga aos antigos patrões, se necessário com catana, com machado. Normalmente é com tesoura que se corta o cordão umbilical, não é verdade? Neste caso, catana ou machado.
 - * Vamos ser implacáveis para com eles.
 - * Vamos instalar no nosso seio uma disciplina de ferro.
- Imediatamente, sem vacilações.

Declaramos aqui solenemente guerra ao inimigo interno.

Em 25 de Setembro de 1964 declaramos guerra, ao inimigo estrangeiro — o colonialismo português. Hoje, aqui, 18 de Março de 1980, declaramos guerra ao inimigo interno. E vamos limpá-lo até ao fim deste ano. Será limpo em toda a parte. Vamos varrer.

Não haverá tréguas. As nossas armas estão preparadas. O inimigo colocou-se à frente dos canos das nossas armas.

* Vamos disparar.

Este é um combate decisivo. É o combate da luta de classes. Não compartilhamos o poder com o inimigo.

* Aqui não haverá complacência. Não haverá condescendência, sentimentalismo.

Aqueles que toleram, protegem e condescendem, são cúmplices do inimigo, são nossos inimigos.

A Revolução é irreversível. Ela é o cilindro compressor que esmaga tudo à sua passagem para abrir e consolidar a larga estrada do Socialismo.

A Revolução é o Povo em marcha construindo o seu futuro, decidindo o seu destino.

Por isso, viemos aqui dizer:

— O nosso Aparelho de Estado está corrompido, está doente. Cheio de parasitas, alguns desses parasitas agarrados à pele e outros intestinais.

— É no Povo que encontramos a força. É no Povo organizado e dirigido pelo Partido FRELIMO que encontramos as soluções correctas.

Nós queremos o Socialismo.

* Queremos a felicidade, a prosperidade, o bem-estar.

Vamos tomar medidas.

- * Medidas radicais. Medidas profundas.
- * Medidas para cortar o passo à marcha da contra-revolução.

Vamos definir as tarefas que todos devem executar.

Vamos ser implacáveis com:

- * os indisciplinados
- * os incompetentes
- * os preguiçosos
- * os negligentes
- * os desleixados
- * os corruptos
- * os que praticam o burocratismo
- * os que praticam a inércia
- * os que cultivam o espírito de rotina
- * os que desprezam o Povo
- * os que desviam os bens do Estado
- * os esbanjadores dos bens do Povo

Nos casos disciplinares, aplicaremos medidas de acordo com a gravidade da falta. Medidas severas.

- * Nos casos graves, nas fábricas, aplicaremos a expulsão.

Sem contemplações.

Outras situações constituem crime:

- * roubo é crime
 - * sabotagem é crime
 - * negligência é crime
 - * a mentira, a informação falsa que leva a soluções erradas, é crime.
- Devem ser punidos.

O responsável que deixa apodrecer no armazém o arroz, o milho, o leite, as pilhas, o feijão, tecidos, amêndoa de caju destinados à população, é um criminoso.

Chamamos: Negligência criminosa. É acção do inimigo. Deve ser punida.

- * O operário que estraga a máquina por desleixo, comete um crime contra a nossa economia. Deve ser punido.
- * O motorista que estraga o camião por má condução, por excesso de velocidade, comete um crime contra a nossa economia. Deve ser punido.

Crime não é só roubar ou matar.

A máquina, o camião, o tractor, o gerador, a máquina de soldar, o serrote, foram comprados com dinheiro produzido pelo Povo.

- * Representam o suor do Povo, o seu sacrifício.
- * São instrumentos essenciais na batalha da produção.
- * Destruir esses instrumentos, por negligência ou desleixo, constitui um crime contra a economia.

Crime contra a economia é crime contra os interesses do Povo.

- * Temos leis para punir esses crimes. Vamos aplicá-las.
- * Temos o SNASP, temos as FPLM, temos as Forças Policiais, o Tribunal Militar Revolucionário, os Tribunais Populares. E vão funcionar.

CAPITULO VIII

MEDIDAS A TOMAR

Vamos tomar medidas.

- * no Aparelho de Estado
- * nas fábricas
- * nas empresas
- * em todos os locais de produção

Vamos implantar em todos os locais a disciplina de ferro.

- * Aprendemos durante a luta armada o valor da disciplina.
 - Os nossos combatentes venceram porque eram disciplinados.
 - O nosso Povo venceu porque assumiu o valor da disciplina.
 - Foi com organização, disciplina e luta que vencemos o colonialismo.
 - Foi com unidade, foi com trabalho, foi com vigilância que consolidámos e construímos o Poder Popular.
 - É com trabalho, disciplina e organização que venceremos a batalha contra o sub-desenvolvimento.
- * Em primeiro lugar, vamos purificar as nossas fileiras, vamos limpar o Aparelho de Estado.
 - Vamos varrer a nossa casa.
 - Vamos passar a vassoura por todos os cantos da casa.
- * Vamos começar pelo Aparelho de Estado, porque é o instrumento fundamental da política do Partido.

- O nosso Aparelho de Estado tem de se libertar:
 - * de todos os infiltrados
 - * de todos os indisciplinados
 - * de todos os incapazes
 - * de todos os preguiçosos
 - * de todos os negligentes

- * O nosso Estado é um Estado de operários e camponeses, não é um Estado de inúteis, preguiçosos e reaccionários.
- * Vamos dar a tarefa, a todos os Ministros, de fazerem a limpeza dos respectivos Ministérios.
 - Cada Ministro deve, no prazo de três meses, assegurar que o seu Ministério é uma estrutura sã.

- * O Povo tem a tarefa de participar nesta purificação.
 - O Povo, mais uma vez, será o filtrador.
 - * Como nas eleições para as Assembleias do Povo;
 - * Como na Estruturação do Partido.
 - O Povo deve:
 - * denunciar os infiltrados
 - * apontar os indisciplinados
 - * desmascarar os incompetentes
 - * atacar os arrogantes
 - * desalojar os malfeitores
 - Vamos criar condições para a participação do Povo nesta tarefa.
 - * Em cada Ministério vai ser criado um Gabinete de Controlo e Disciplina, dirigido pessoalmente pelo Ministro.
 - * A população poderá dirigir-se directamente ou por carta a esse Gabinete.
 - Deverá comunicar os casos de infiltração, indisciplinada e incompetência de que seja vítima ou que conheça.

- * Todos os casos serão cuidadosamente investigados.
 - * Os resultados da investigação serão anunciados ou directamente às pessoas que alertaram para a situação, ou, quando se justificar, através dos órgãos de Informação.
- * Este é um combate permanente e contínuo.
 - Em todas as províncias, brigadas desencadearão um processo idêntico nos Governos Provinciais.
 - Essas brigadas serão chefiadas por membros do Conselho de Ministros.
- * O Povo é chamado a pronunciar-se sobre os trabalhadores do Aparelho de Estado. O Povo é a nossa força.
 - * Só deverão ser trabalhadores do Estado aqueles que reunirem as condições necessárias.
 - Ser trabalhador do Estado antes de tudo é ser servidor do Povo.
 - É uma honra e uma grande responsabilidade, ser trabalhador do Aparelho de Estado.
 - Temos de ser exigentes.
 - Só podem ser trabalhadores do Estado os que revelem:
 - * Patriotismo
 - * Disciplina
 - * Competência
 - * Honestidade
 - * Sentido de responsabilidade
 - * Respeito e cortesia no trato com o público
 - * Dinamismo e iniciativa
 - * Pontualidade
 - * Espírito de aprender

- **Espírito criador**
 - São qualidades que devemos exigir de qualquer trabalhador para ser servidor do Aparelho de Estado.

- **O Estado não pode ser o asilo dos inúteis e dos incompetentes.**
 - O Estado não pode ser o refúgio dos indisciplinados e dos corruptos.

- **Para ser trabalhador do Aparelho de Estado é preciso fazer concurso.**
 - Para ser promovido no Estado, é preciso fazer concurso.
 - A qualquer cidadão deve ser reconhecido o direito de reclamação nestes concursos.
 - Os critérios de admissão e de promoção devem ser rigorosos e objectivos. Devem estar fixados em normas e regulamentos.
 - O Aparelho de Estado é o instrumento fundamental do nosso poder, do poder dos operários e camponeses.
 - Não podemos permitir que ele continue infiltrado e corrompido.

- **É o Aparelho de Estado que tem de dirigir a economia.**
 - É o Aparelho de Estado que tem de pedir contas às empresas pela execução do Plano, pelo cumprimento das metas.
 - É o Aparelho de Estado que tem de exigir eficiência, rapidez e qualidade em todos os sectores de actividade.
 - O Aparelho de Estado tem de ser, ele próprio, altamente eficiente, dinâmico e operativo.
 - Para podermos exigir a disciplina, temos que ser disciplinados.

- * Para podermos exigir a pontualidade, temos que ser pontuais.
 - * Para podermos exigir a honestidade, temos de ser incorruptíveis.
- * Transformemos o nosso Aparelho de Estado na arma fundamental para o combate ao subdesenvolvimento.

Ao nível das EMPRESAS

- * Vamos exigir:
 - elevado grau de disciplina
 - alta pontualidade
 - alta qualidade dos produtos e dos serviços prestados
- * Queremos que as fábricas atinjam a capacidade instalada.
- * Queremos que as fábricas sejam melhoradas.

As empresas estatais e privadas, devem produzir lucros.

- * Cada trabalhador tem de produzir:
 - o salário — pois assim se justifica que continue a ocupar o posto de trabalho
 - o lucro da empresa
- * É com lucros assim obtidos que vamos realizar os grandes projectos, as grandes obras para beneficiar toda a população:
 - que vamos construir novos hospitais
 - que vamos abrir novas escolas
 - que vamos fazer novas barragens, novas estradas, novas fábricas
 - que vamos melhorar a nossa vida
- * O Estado não vai continuar a distribuir salá-

rios a pessoas que não produzem, a empresas que só produzem prejuízos.

- * O dinheiro do Estado vem do Povo, é fruto do suor do Povo.
- * O dinheiro do Estado não pode servir para pagar a inúteis e parasitas.

Outra questão central que detectámos nas empresas foi a questão da direcção. Encontrámos a direcção diluída, o poder disperso. Vamos dizer claramente:

- * Ao nível de cada empresa, o poder é exercido pelo Director.
 - É o Director quem organiza, dirige e controla a produção.
 - É o Director quem decide.
 - É o Director quem tem autoridade para punir. É ele o responsável pela disciplina na empresa.
- * O poder tem de estar concentrado, não pode ser dividido.
- * É preciso acabarmos com os conflitos e a confusão de tarefas entre a Direcção e as outras estruturas da empresa.
- * Cada estrutura tem a sua tarefa definida, tem a sua área de actuação.
- * A tarefa central da Direcção, das outras estruturas e de todos os trabalhadores é assegurar que é cumprido o Plano de Produção da empresa.
- * Todos devem empenhar-se em criar condições para o cumprimento das metas de produção, pois a batalha económica é o nosso combate principal.
- * Ao Director pedimos contas pelo cumprimento do Plano.
- * É ao Director que pedimos contas pela empresa.

- Nas grandes empresas, a Direcção deve ser devidamente estruturada. Então:
 - haverá uma definição clara de responsabilidades em cada sector;
 - haverá um correcto exercício de autoridade em cada área específica.
- Nas empresas, onde se justificar, deverá existir além do Director-Geral:
 - o director da produção
 - o director do aprovisionamento
 - o director do pessoal
 - directores por cada sector
 - chefes de secções e vários outros

Nos Portos, Aeroportos e nos Transportes em geral, encontramos o mesmo problema da diluição do poder.

- * Vamos tomar medidas para ultrapassar esta situação:
 - no Porto, deve haver um Director da confiança do Partido, ao qual se subordinam todas, repito, todas as estruturas que actuam no Porto.
- * O sector dos Transportes e, em especial, os aeroportos e em todas as estruturas dos transportes.
- * O sector dos Transportes e, em especial, os Portos, assumem, neste momento, uma grande importância para a nossa economia.
- * Com a libertação do Zimbabwe, os nossos Portos e Transportes vão servir muitos países da nossa zona. Isso constitui uma grande responsabilidade para o nosso país e será uma poderosa alavanca para o nosso desenvolvimento.
- * Para isso, é necessário que os nossos Portos sejam altamente eficientes e operativos.
- * Nestes sectores, vamos exigir alta disciplina.

- * Vamos exigir que os nossos Portos sejam:
 - os mais eficientes
 - os mais funcionais
 - os mais organizados.

Ainda no domínio dos Transportes quero referir-me ao grave problema dos acidentes de viação.

- * Encontramos a incompetência, a irresponsabilidade, a falta de brio profissional.
- * Nas escolas de condução
 - já não é preciso saber guiar para ter carta
 - já não se ensina a conhecer o motor, a cuidar dos carros.
 - Vamos acabar com isto!
- * Hoje os condutores já não sabem o que significa respeitar as normas de segurança e as leis de velocidade.
 - destroem vidas humanas, todos os dias! Criminosos!
 - destroem bens do Povo,
 - conduzem a grandes velocidades, conduzem embriagados, conduzem como se transportassem gado ou lenha. Não respeitam os sinais de trânsito.
- * Muitos condutores já não se preocupam em manter a sua viatura limpa e em bom estado de funcionamento
 - já não se preocupam com a verificação diária da viatura
 - limitam-se a pegar na chave, ligar o motor, pôr o motor em funcionamento e andar com a viatura até ela parar por avaria. Isto até o macaco pode fazer.
- * Nas estradas, nas garagens, na sucata, encontramos centenas e centenas de carros destruídos. São muitos milhares de contos em divisas que o nosso Estado perde.

- Nas ruas vemos muros e postes de iluminação destruídos.
 - Na cidade de Maputo, só no ano passado, gastámos cerca de 2 mil contos na reconstrução de postes de electricidade, destruídos por viaturas.

- Nas ruas das cidades, já não se pode passear a pé tranquilamente, corremos o risco de ser atropelados em pleno passeio.
 - Nas cidades não é permitido ultrapassar a velocidade de 60 quilómetros por hora, mas conduz-se a 80, a 100 quilómetros por hora;
 - Fora das cidades não é permitido andar a mais de 80 quilómetros por hora, mas conduz-se a 120, a 150 quilómetros por hora.
 - Isto é negligência criminosa.
 - É crime que vamos punir severamente:
 - As brigadas de trânsito serão reforçadas e terão orientações rigorosas para punir os criminosos do volante.
 - Vamos exigir rigor na concessão de uma carta de condução.
 - De imediato, vamos começar por reexaminar os condutores do Aparelho de Estado.

Os problemas de abastecimento que enfrentamos exigem medidas radicais.

- O nosso objectivo imediato é criar condições para que, ao nível das grandes cidades
 - sejam distribuídos de forma justa e racional os produtos de primeira necessidade;
 - seja eliminada a maior parte das bichas.

- Para conseguirmos estes grandes objectivos é necessário que todo o Povo participe no contróle do abastecimento.

- Cada trabalhador, cada família, deve receber uma parte justa dos produtos de primeira necessidade sem precisar de ir para a bicha.
 - Como vamos conseguir isto?
 - Temos a experiência das cooperativas de consumo organizadas. Sublinho, organizadas, onde cada membro se abastece através de um Cartão de Abastecimento.
 - Cada agregado familiar tem assim assegurada uma quota de produtos de primeira necessidade, correspondente ao número de pessoas que o constitui.
 - A distribuição é controlada através do Cartão de Abastecimento.
 - Criaremos condições para que cada família tenha cartão numa loja perto da sua casa e possa comprar aí o arroz, o açúcar, a farinha, o sabão.
 - Os comerciantes privados serão envolvidos neste processo.
 - Outros produtos poderão ser comprados em qualquer loja.
- Assim vamos criar condições para que cada família receba uma parte justa dos produtos existentes.
- Não vamos ainda eliminar todas as bichas, — mas vamos eliminar a maior parte delas.
- Todos vão beneficiar com esta medida.

O inimigo vai tentar desvirtuar esta medida, porque ela vai beneficiar o Povo.

- É preciso que o Povo esteja vigilante.
- É preciso que o Povo participe com entusiasmo nesta tarefa.
- Para implementar esta medida, temos de estar organizados. Temos de conhecer:
 - quantas pessoas moram em cada bairro
 - quantas casas há no bairro
 - quantas lojas

- qual é a sua capacidade
 - quantas pessoas moram em cada casa
 - quantas pessoas trabalham em cada casa.
- * Só assim podemos planear a distribuição correcta dos produtos para cada zona.
 - * Vamos desencadear primeiro a nível de Maputo, Beira e Nampula, uma grande campanha de levantamento da situação que depois será estendida a outras cidades.
 - * Formaremos brigadas populares em cada bairro, que irão percorrer casa por casa, saber quem lá vive, fazer ficheiro.
 - Cada bairro deverá ter o ficheiro completo dos seus moradores.
 - Qualquer pessoa nova que chega ao bairro, deve apresentar-se no Grupo Dinamizador para ficar registada no ficheiro.
 - * Esta campanha será um passo fundamental no processo de organização das Cidades e Bairros Comuns.
 - * Esta campanha vai-nos permitir também detectar e neutralizar:
 - os criminosos
 - os marginais
 - os vagabundos
 - as prostitutas
 - * Nesta campanha deverão engajar-se, enquadrando o Povo:
 - as estruturas do Partido
 - os órgãos do Poder Popular, as Assembleias do Povo
 - as organizações democráticas de massas
 - OMM, OJM, ONJ, Conselhos de Produção
 - os Grupos Dinamizadores dos bairros
 - as Forças Populares de Libertação de

Moçambique e as Forças de Defesa e Segurança

- No processo de distribuição dos produtos deverão participar:
 - as cooperativas de consumo
 - os comerciantes privados
- Através das suas estruturas, o Povo exercerá vigilância para impedir os desvios e os abusos.
- Desde já, vamos acabar com os abusos e os privilégios nas bichas. Na bicha ninguém tem prioridade:
 - Não há prioridade por ser do Grupo Dinamizador
 - Não há prioridade por ser Milícia
 - Não há prioridade por ser do Grupo de Vigilância
 - Não há prioridade por ser das FPLM
 - Não há prioridade por ser da Polícia Popular de Moçambique

O Estado não pode continuar a pagar salários a milhares de trabalhadores das Lojas do Povo, muitos dos quais nada produzem.

- As actuais Lojas do Povo deverão ser transformadas ou entregues
 - a cooperativas de consumo
 - a comerciantes privados
- Algumas deverão ser encerradas por não haver clientes, por não haver proprietários para alugar.
 - Vamos fazer um plano para transformar as Lojas do Povo.
- A actividade privada tem um papel importante a desempenhar no nosso País.

- Isto foi definido claramente pelo III Congresso da FRELIMO.
 - O Estado não pode continuar a ocupar-se de centenas e centenas de Lojas do Povo.
 - O Estado não pode continuar a gerir pequenos negócios.
- * O Estado deve ocupar-se com a direcção da nossa economia, com a realização dos grandes projectos de desenvolvimento.
- O Estado deve ocupar-se de dinamizar o processo das Aldeias Comunais, que permitirão acelerar o desenvolvimento do campo.
 - Deve dirigir acções para o desenvolvimento da agricultura.
 - * desenvolvimento das grandes culturas de rendimento.
Culturas que trazem divisas para o País (como o caju, o chá, o algodão, a copra, o sisal, o girassol...).
 - O Estado deve ocupar-se da materialização dos grandes projectos de desenvolvimento dos Vales do Limpopo e Incomati, e da Angónia.
 - * Produzirão comida (arroz, milho, trigo, fruta, sumos, carne, leite, manteiga, queijo, hortícolas...).
 - * Produzirão empregos.
 - * Produzirão riqueza.
 - O Estado deve ocupar-se com a construção das grandes barragens e regadios (Pequenos Libombos, Moamba, Mapai...).
 - Deve ocupar-se da electrificação do País
 - * linha Centro-Norte.
 - * electrificação do campo.
 - Deve aprofundar o conhecimento dos nossos recursos agrários, pesqueiros, mineiros
 - * fazer prospecções.
 - * fazer a inventariação das nossas riquezas

- O Estado deve construir mais fábricas
 - * para produzir tecidos, calças, electrodomésticos
 - * fábricas para produzir alfaias agrícolas, tractores, camiões, carrinhas.
- O Estado deve criar a indústria pesada para vencermos o subdesenvolvimento.
 - * Criar:
 - a indústria do papel
 - a siderurgia do ferro e do aço
 - a siderurgia do alumínio
- O Estado deve ocupar-se dos grandes sectores sociais
 - da Educação
 - da Saúde
 - da Habitação
 - da Justiça.

O Aparelho de Estado deve assegurar as condições para o aumento da produção e melhoria da qualidade dos produtos. Examinar bem os produtos que são produzidos nas fábricas. Deve assegurar que não falem as matérias-primas ou os sobressalentes às fábricas essenciais ao nosso desenvolvimento e à produção para abastecimento do Povo.

Para isso, repetimos, o Estado não pode estar absorvido, não pode dispersar as suas forças com a gestão:

- da loja
- da cantina
- do bar
- da boutique
- da sapataria
- da pequena oficina
- da garagem
- do cabeleireiro, etc., etc., etc.

O Estado vai criar condições para apoiar os comerciantes, agricultores e industriais privados

cuja actividade se enquadra nos nossos objectivos.

O Estado vai apoiá-los na sua organização e facultar-lhes os meios necessários para trabalharem.

Tenho recebido muitas cartas de moçambicanos residentes na África do Sul, na Suazilândia e na Rodésia, que querem saber se podem vir investir no comércio, nos restaurantes, agricultura e outras actividades.

Trata-se de moçambicanos patriotas, que querem contribuir para o progresso da sua Pátria. Estão à espera que o Estado os apoie e crie condições para o seu regresso.

E nós dizemos: bem-vindos! Compre lá e tragam! Compre carros na África do Sul, compre fogões e geleiras, compre toda a loiça, venham para cá e abram lojas, até supermercados de luxo, onde descalços não entramos. Rotos nesses restaurantes não entramos, com bebês nas costas não podemos sentar ali também.

Haverá hotéis de 1.ª, de 2.ª, de 3.ª e se for preciso há-de haver de 4.ª também. É necessário. Haverá restaurantes de 1.ª, de 2.ª e de 3.ª. Não é toda a gente que vai lá. Mas o restaurante de luxo é uma necessidade, uma exigência. A impecabilidade dos seus trabalhadores, a loiça que está lá é de alto valor, a qualidade das coisas que estão lá. Só um copo de cerveja custará 20 esudos, 30 escudos. Tem o ar condicionado, tem as luzes bem afinadas, não entram moscas ali.

Regressem. Vamos apoiá-los na aplicação das suas economias na agricultura, na indústria ou no comércio, para o desenvolvimento do nosso País.

ZONAS VERDES

Falámos do que encontrámos nos armazéns. Daquilo que não era distribuído e ficava a estragar-se. Daquilo que não era vendido enquanto as populações sofrem nas bichas.

Mas agora que esses produtos estão a sair dos

armazéns significa que as bichas vão desaparecer? Significa que temos os problemas resolvidos?

* Não. E vocês sabem que não é assim.

Nós perguntámos qual é a solução — e o Povo respondeu:

* A solução é produzir — foi isto que vocês me disseram nos vários encontros que tivemos durante esta ofensiva.

Onde é que vamos produzir?

* Nas zonas verdes.

Aqui em Maputo existia antes uma extensa zona verde. Eram os colonos que aí produziam. E quando eles abandonaram as machambas, a produção parou. O que é que devemos fazer?

Temos terra para cultivar.

Aqui no Infulene, em Marracuene, na Manhiça, em Matutuine, em Boane, na Moamba, na Namaacha, onde antes estavam os colonos e lá produziam.

* Mão-de-obra temos.

* Nesta cidade de Maputo só uma minoria da população é que trabalha.

* O resto da população está nas bichas, nada produz.

Quando nós proclamámos a Independência, ocupámos os lugares dos colonos. Os lugares e os vencimentos. A maior parte dos operários, particularmente aqueles que vêm de Gaza, de Inhambane, particularmente os que vêm da Manhiça, da Moamba, Matutuine, Namaacha, Magude, tinham as suas mulheres lá. Tinham os filhos lá. Ganham 500 escudos. Como é que ia manter os filhos e a mulher aqui?

Tiveram aumento de vencimento e foram buscar a mulher para aqui, para vir ficar, foram buscar os

filhos, já não estudam lá fora, vieram estudar aqui. Não satisfeitos com as mulheres e os filhos, foram buscar os irmãos, trouxeram para aqui. Não satisfeitos ainda, foram buscar a mãe, está aqui em Maputo. Não contentes ainda, foram buscar a sogra para vir aqui. Não contentes ainda, não satisfeitos, foram buscar os cunhados e as cunhadas para virem viver à custa de um homem só! Alguns são ministros e também fizeram isso! Foram buscar em Cabo Delgado, em Nampula, à Beira. Nas Forças Populares, na Polícia, basta ser comandante, pronto! Para mostrar que é «gente grande» tem de ter esse regimento em casa. Pelo menos um pelotão para ele poder mandar. Pelo menos assim tem autoridade no serviço, onde é chefe, e quando volta para casa também é chefe, tem lá um pelotão!

Vamos acabar com isto! Todos fizeram isto. Cabo Delgado, Niassa, Tete, Zambézia, Nampula, Sofala, Manica, Inhambane, Gaza, Maputo — todos fizeram isto. Por isso Maputo está cheio! A comida não chega!

São os que produzem o milho que vieram para aqui. A mandioca que vinha para aqui; o feijão, a pesca, uma série de coisas, eram eles que produziam. Agora não produzem, vieram ficar aqui. Mas vocês querem comer.

- A Independência significou descerem para a cidade!
- Portanto, mão-de-obra temos!
- Primeiro são aqueles inúteis que estão no Aparelho de Estado. Vamos reduzir o pessoal em todos os Ministérios, em todos os sectores. Vamos estabelecer um número certo, o resto vai à produção!
- Depois vamos às empresas: os preguiçosos e indisciplinados vão para a produção. Alguém nos trava, foi por isso que eu aqui perguntei: O exército está pronto para nova batalha? A batalha não é somente contra aqueles que andaram a sabotar, é também

contra os preguiçosos, marginais, criminosos, vagabundos. Há famílias com vinte pessoas, mas quem trabalha é uma pessoa só. E são adultos! A quantidade do que comem é grande.

O que é que precisamos então?

- * Vamos dar enxada e tractor a esta gente desempregada, e subempregada para produzir,
 - * no vale do Infulene
 - * na Manhiça
 - * em Matutuíne
 - * na Moamba
 - * na Namaacha

De todas estas zonas vinha dantes o tomate, a couve, o repolho, a cebola, a batata, o arroz, o milho, o feijão, a mandioca, a alface, a banana, tudo aquilo que esta cidade consumia. É isto mesmo que vamos produzir.

Dessas zonas vinha a carne, o leite, os frangos, os coelhos e os porcos.

Vamos produzir tudo isso de novo.

O Estado vai apoiar através do Banco.

Concederemos empréstimos para aquisição dos meios de produção: tractores, enxadas, sementes, fertilizantes.

Não os abandonamos. Mas não queremos que vivam como piolhos, que vivam como gafanhotos!

Vamos rever os preços dos produtos de forma a que o produtor seja beneficiado e tenha interesse em produzir cada vez mais.

Alguns agricultores vieram dizer-me: «Sr. Presidente, nós vamos abandonar a machamba. O pesticida custa muito dinheiro, o fertilizante custa muito dinheiro, os adubos custam muito dinheiro, os cuidados necessários custam muito tempo e o preço não compensa. É melhor abandonarmos a

produção». Por isso, é preciso revermos os preços dos produtos.

Desta forma vamos acabar com a falta daqueles produtos que sempre foram produzidos nesta região.

- Produtos que por vezes somos obrigados a importar.

Aqui nos arredores da cidade existem muitas quintas onde dantes os colonos produziam legumes, fruta, criavam pequenas espécies. Significa que houve investimento para criar infra-estruturas,

- poços, coelheiras, pocilgas, capoeiras, bombas de água.

É o caso da Matola, Machava, Benfica, Mahotas, Catembe.

Com a debandada dos colonos e a nacionalização do parque imobiliário, essas quintas passaram a ser arrendadas a moçambicanos.

Hoje essas infra-estruturas estão em abandono, o capim cresce pelos quintais e pelos jardins. O inquilino limita-se a habitar a residência. Não aproveita o poço, a coelheira, a bomba de água.

Vamos rever esta situação.

- Aqueles que ocupam as residências têm que aproveitar integralmente as condições que lá existem.
- Se não, têm que abandonar.
- Vamos arrendá-las àqueles que forem capazes de as aproveitar
- Esta é também uma forma de valorizar as nossas conquistas.

Mas no centro da cidade não queremos machamba. Não queremos machamba de cacana, de feijão cafreal, feijão branco, não queremos machamba de mandioca, de milho, de amendoim, não que-

remos machamba de batata-doce, não queremos machamba de nadal

No centro da cidade queremos jardins e parques infantis, queremos flores que a embelezem, queremos beleza.

- * Queremos árvores bem tratadas, bem podadas.

Estamos aqui mas a orientação é para todo o País: Não queremos que as árvores sejam assassinadas, como fazem, com catanas e machados dentro da cidade. Devemos podar com tesouras especiais as árvores da cidade. Está aqui o Governador de Maputo, o de Nampula e os outros estão a ouvir neste momento. Andam a fazer assassinato das cidades, assassinato de árvores. Árvores são o pulmão da cidade, a cidade respira através destas árvores.

Na presente ofensiva, detectámos 3 categorias de pessoas que deverão ser integradas na produção nas zonas verdes.

— Primeira categoria: os criminosos que estão neste momento detidos. Para estes, trabalho duro.

- * São elementos que roubaram o Estado
 - * que deixaram apodrecer os produtos do Povo;
 - * que cometeram diversos crimes.
- * Não queremos manter esses criminosos na prisão, comendo a comida que o Povo produz. Serão julgados, condenados e mandados para os campos de produção.
- * Vamos mandá-los produzir:

- primeiro produzir o seu próprio sustento;
- segundo, indemnizar o Povo daquilo que roubaram.

Não vão para o Niassa. Vão ser instalados aqui em Maputo, estarão aqui em Maputo. Serão guardados pela tropa. Cinco, seis anos, até produzirem o dinheiro que roubaram! Até indemnizarem o produto que deixaram apodrecer. Esta é a primeira categoria para a zona verde.

— Segunda categoria: trabalhadores subempregados, trabalhadores improdutos.

- * Vimos durante esta ofensiva, que muitos trabalhadores não produzem o seu salário:
 - vimos a Loja do Povo vazia mas com 20 empregados que nada fazem;
 - vimos a padaria que antigamente tinha 10 trabalhadores e hoje tem vinte, para produzir metade do que produzia;
 - vimos empresas com excesso de trabalhadores que nada produzem. Levantam salário no Banco;
 - vimos no Aparelho de Estado serventes que não têm nada que fazer. Só para fazer chá para o chefe tomar.

- * Vamos acabar com esta situação.
- * Dinheiro do Banco é dinheiro do Povo.

— Não pode servir para pagar:

- * a inúteis
- * a preguiçosos
- * a bêbados
- * a faltosos
- * a desleixados
- * a indisciplinados
- * aos que praticam a vagabundice

— Terceira categoria: desempregados e marginais.

Na sociedade nova/que estamos a construir, só tem direito a comer quem trabalha.

Quem não produz não tem direito a salário.

Não podemos permitir que os parasitas continuem a sugar o nosso sangue.

Vamos criar condições para todos esses elementos produzirem.

Vamos entregar-lhes terra e tractor.

O Banco de Solidariedade vai conceder empréstimos

- Estabeleceremos as normas para o seu reembolso.

Eles vão produzir para pagar.

Vão produzir para terem o direito de comer.

Assim vão poder organizar as suas famílias, ter alojamento decente, educação para os filhos, assumir a sua responsabilidade de chefes de família.

CAPITULO IX

CONCLUSÃO

A ofensiva que agora iniciámos é o início de uma nova guerra.

- * Guerra contra o subdesenvolvimento;
- * Guerra pela edificação de uma sociedade avançada no nosso País;
- * Guerra que nos permitirá fazer de Moçambique um País forte, desenvolvido e próspero;
- * Um País onde cada moçambicano tenha
 - * trabalho
 - * boa alimentação
 - * assistência médica adequada
 - * educação correcta
 - * habitação condigna
- * Um País onde floresçam a liberdade, a dignidade e o amor entre os homens.
- * Um País onde os nossos filhos possam crescer saudáveis e felizes.
 - * Foi por estes objectivos que o nosso Povo lutou desde sempre;
 - * Foi por estes objectivos que de novo aceitámos sacrifícios;
 - * Foi por estes objectivos que tombaram os melhores filhos do nosso Povo.

O combate agora desencadeado é o prolongamento da Luta Armada de Libertação Nacional. Também nesta fase teremos Heróis:

- * Heróis da produção
- * Heróis da disciplina
- * Heróis do estudo
- * Heróis do combate ideológico
- * Heróis da construção do Socialismo

Mas haverá também traidores e vacilantes.

Durante a presente ofensiva já detectámos alguns.

A purificação permanente das nossas fileiras não é apenas uma questão de princípios:

- * É uma exigência do combate, é uma condição para a vitória.

Vimos que ainda transportamos uma grande carga impura.

Isso não nos surpreende: acontece sempre assim nas fases de crescimento da nossa luta.

Quando há cheias no Limpopo, o rio cresce impetuosamente e arrasta consigo as impurezas, a água fica turva com a sujidade que vem das montanhas.

Mas quando a cheia acaba, a sujidade fica depositada nas margens, o leito do rio fica limpo e a água volta a correr cristalina.

A cheia fertiliza a terra, o arroz volta a crescer vigorosamente, e o rio retoma a pureza das suas águas.

Também é assim a nossa Revolução.

Sairemos desta batalha mais fortes e revigorados, depois de nos libertarmos da carga impura.

No próximo mês vamos iniciar as eleições para as Assembleias do Povo ao nível do Distrito, da Localidade, da Cidade.

- * Façamos das eleições

- um momento de prestação de contas;
- um momento de engajamento dos nossos deputados;

- uma ofensiva de organização;
- uma ofensiva contra a irresponsabilidade, a rotina, a desorganização.

Operários, camponeses, soldados, intelectuais revolucionários, trabalhadores de todos os sectores, cidadãos da R.P.M.

- * Entrámos numa fase decisiva da luta pelo desenvolvimento da nossa Pátria socialista.
 - Esta fase será uma fase de luta de classes aguda
 - de um lado, a esmagadora maioria dos trabalhadores moçambicanos, que querem o socialismo
 - do outro lado, um punhado de reaccionários, de agentes do inimigo.
- * A nossa determinação, a certeza da nossa vitória, a certeza da vitória do socialismo são invencíveis:
- * Salientamos aqui com particular relevo:
 - A alegria dos trabalhadores das fábricas que visitámos e que é a expressão do sentimento de todo o Povo;
 - O seu vigor na denúncia dos reaccionários;
 - A sua determinação em cerrar as fileiras da nossa unidade;
 - A sua determinação de produzir mais e melhor, a sua determinação de defender a fábrica;
 - A sua determinação de fazer do socialismo a bandeira vermelha que cobrirá o nosso País de felicidade e alegria cada vez maiores.
- * A ofensiva que desencadeámos é a ofensiva de todos os trabalhadores moçambicanos

- dos operários das fábricas
- dos camponeses
- É a ofensiva de todos os trabalhadores moçambicanos para liquidar:

- * uma minoria de agentes infiltrados, que quer destruir a nossa revolução;
 - * uma minoria de reaccionários que quer que o nosso País deixe de ser dirigido pela classe operária;
 - * Uma minoria de agentes infiltrados que quer destruir as conquistas revolucionárias da aliança operário-camponesa;
 - * uma minoria de reaccionários que quer devolver o nosso País ao capitalismo, ao colonialismo, à opressão, à humilhação, à pobreza, ao racismo, à divisão, à dependência do imperialismo;
 - * uma minoria de reaccionários que quer conservar os seus privilégios, que quer manter como sistema a fome, a nudez, a pobreza, a miséria, que quer manter o Povo nas bichas;
 - * uma minoria de reaccionários que quer que o nosso País deixe de ser uma sólida base de apoio à justa luta dos povos oprimidos.
-
- * Saudamos todo o Povo, do Rovuma ao Maputo que:
 - soube fazer da ofensiva uma onda impetuosa que vai destruir o punhado de contra-revolucionários;
 - soube distinguir a acção do inimigo das nossas insuficiências.

 - * Saudamos em particular os operários moçambicanos

- nas fábricas
 - nos portos e caminhos de ferro
 - nas machambas, nas empresas agrícolas
 - nas minas
 - nas empresas
- Saudamos a sua determinação firme em manter alta a vigilância revolucionária.
 - Saudamo-los porque mantêm sempre alta a chama da Revolução.

a chama que desmascara e aniquila sempre a meia-dúzia de reaccionários internos — os parasitas (piolhos, percevejos, pulgas, carraças), os sanguessugas — que querem fazer do nosso corpo uma base de exploração dos seus patrões colonialistas e capitalistas.

- Saudamos as gloriosas Forças Populares de Libertação de Moçambique, braço armado do Povo; saudamos as Forças de Defesa e Segurança
 - a sua tarefa principal continuará a ser a defesa intransigente e a consolidação contínua das conquistas revolucionárias do nosso Povo;
 - lado a lado, com os trabalhadores moçambicanos, as Forças de Defesa e Segurança demonstraram mais uma vez que não são um exército exclusivamente de caserna;
 - demonstraram mais uma vez, durante a presente ofensiva, que mantêm viva a sua tradição: a tradição de ser um Exército com espírito de trabalho árduo, espírito de trabalho duro, engajado no combate, no estudo, na produção.

O nosso Povo vai vencer o subdesenvolvimento.

O nosso Povo quer a Revolução e vai fazê-la.
O nosso Povo quer o Socialismo. E construiremos.

Não podemos avançar infiltrados.

Por isso estamos a varrer a nossa casa.
Vamos continuar a varrê-la.

Ataquemos continuamente o inimigo infiltrado.
Desmascaremos, desalojemos o inimigo das posições que usurpou.

Vamos criar condições para a vitória sobre o subdesenvolvimento.

Construiremos o socialismo na República Popular de Moçambique.

A REVOLUÇÃO VENCERA!

O SOCIALISMO TRIUNFARA!

A LUTA CONTINUA!

Tiragem 20 000 exemplares
Registado no INLD sob o n.º 0140/INLD/80
Composto e impresso na Tip. "Noticias"
MAPUTO
República Popular de Moçambique
Abril de 1980

1980/1990 – DÉCADA DA VITÓRIA SOBRE O SUBDESENVOLVIMENTO